



EXPEDIENTE
SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna
Ano IX — Florianópolis, dezembro, 1956 — N. 23
Enderêço: Praça 15, n. 27 — Caixa Postal, 384
Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

DIRETORES:

Aníbal Nunes Pires e Salim Miguel

SECRETÁRIOS:

Edmond Jorge e Walmor Cardoso da Silva

REDATORES:

A. Boos Jr., Doralécio Soares, Eglê Malheiros, J. P. Silveira de
Sousa, Ody Fraga, Osvaldo F. de Melo (filho)

ILUSTRADORES:

Aldo Nunes, Dimas Rosa, Ernesto Meyer Filho, Hugo Mund Jr.,
Pedro Bosco.

"Sul" acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a
colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, e do exterior, espe-
cialmente dos jovens, se reservando porém o direito de escolha para
publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, não serão devolvidos.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades,
de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente
de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: no Brasil Cr\$ 10,00
em Portugal 7500

Assinatura por 4 números: Cr\$ 40,00; registrada: Cr\$ 60,00

As assinaturas podem ser pedidas em qualquer época, direta-
mente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor de-
clarado.

REPRESENTANTES

No Brasil:

GUIDO WILMAR SASSI — Caixa Postal, 288 — Lajes — Santa
Catarina.

ANTÔNIO DA SILVA FILHO — R. Joaquim Nabuco, 126 — Pôrto
Alegre — R. G. do Sul.

CARLOS ALBERTO SILVEIRA LENZI — R. Comendador Araujo
91 — Curitiba — Paraná.

RUY BRAND CORRÊA — R. Boa Vista, 209 — 17º andar — São
Paulo — S. P.

HUGO MUND JR. — Rio — D. F.

J. M. FONTES — R. Lagarto, 1571 — Aracajú — Sergipe.

GERALDO SOBRAL DE LIMA — R. Duque de Caxias, 413 — João
Pessoa — Paraíba.

Evaristo Paulo Gouvêa — R. Desembargador Tenório, 186 — Fa-
rol — Maceló — Alagoas.

Glauco E. Corrêa — Campo Grande — Mato Grosso.

No Exterior:

Dr. Manuel Pinto — Sertão — Portugal.

Vitoriano Rosa — Lisboa — Portugal.

Manuel Filipe de Moura Coutinho — Lourenço Marques — Afri-
ca Oriental Portuguesa.

Matilde D. Espaux — Montevideo — Uruguai.

Blanca Terra Viera — Buenos Aires — Argentina.

NOSSA CAPA: MAE — desenho de Sylvio Bittencourt

EDISON R. LIMA — Edifício Almare — s/805 — Recife — Per-
nambuco.

IRORÉ GOMES — Av. Anhanguera, 20 — Goiânia — Goiás

ANTÔNIO PINTO DE MEDEIROS — Instituto de Educação —
Natal — R. G. do Norte.

LIVROS HORIZONTE (distribuidor para Portugal e Colônias.

Apartado, 818 — Lisboa — Portugal.

LIVRARIA MONTEIRO LOBATO — Andes, 1415 — Montevideo
— Uruguai.

SUL opina

Ao encerrarmos mais uma etapa, queremos agradecer a todos os que, de uma ou de outra maneira, têm colaborado para que o nosso movimento vá adiante. É de justiça destacar o apóio que nos vem dando o Governador Jorge Lacerda. Velho amigo da revista, desde os tempos em que militava na imprensa carioca, agora à testa do executivo o Dr. Lacerda tem apoiado as nossas iniciativas no terreno cultural. Também devemos destacar a colaboração do Secretário de Educação e Cultura, Dr. Rubens Nazareno Neves. Bem assim a do Dr. Paulo Brasi, Diretor da Imprensa Oficial do Estado. E ainda a de todos os funcionários da IOE, a começar pelo chefe das oficinas Faria, continuando pelos linotipistas, paginadores, impressores, secção de clichê e acabamento, todos os que com tão boa vontade nos auxiliaram. Não seria justo esquecermos nos dos nossos bons amigos representantes, dos anunciantes, dos colaboradores daqui e de fora, de toda a equipe que vem fazendo com que "Sul" seja uma das poucas revistas a se manter viva e atuante por um tão longo tempo. Surgida num período de efervescência, quando eram em número de quase 40 as publicações culturais de jovens, a nossa é uma das raras que se vem mantendo não só mantendo, mas também ampliando constantemente as suas atividades, editando, promovendo exposições e conferências, incentivando o Clube de Cinema e iniciando entre nós o movimento teatral de vanguarda com o Teatro Experimental, etc.. Agora, ao findar mais este ano, quando a revista entra no seu décimo ano de vida, queremos dizer que não terminou a nossa tarefa de divulgação cultural e artística que "Sul" continuará a batalhar por uma melhor difusão das nossas coisas e por um melhor conhecimento e entendimento entre aqueles que se preocupam por conseguir um amanhã melhor para os homens.

Um feliz 1957, pleno de realizações, felicidades e paz, é o que sinceramente desejamos a todos.

CINCOENTENÁRIO DE MARQUES REBELO

A 6 de janeiro de 1957 Marques Rebêlo completa cinquenta anos. Será dia de festa não só para o escritor e seus amigos, mas também para a cultura nacional. É Marques Rebêlo uma das mais importantes figuras de nossa literatura; escritor de talento se dedicou à arte sem procurar glórias fáceis e sómente nos últimos anos lhe vem sendo dada tôda a importância a que faz jus. Associando-se aos festejos do Cincoentenário de Marques Rebêlo "Sul" editará um caderno "Marques Rebêlo, poeta morto", ensaio de Helio Alves de Araújo.

Ao nosso velho e bom Amigo, Marques Rebêlo, pelo transcurso da data nada mais poderemos enviar senão um abraço. Ele saberá avaliar o quanto é sincero, agradecido e pleno de comoção.

QUATRO VATES E UM DEFUNTO

Os mais antigos poetas de Santa Catarina

Oswaldo R. Cabral

I

O meu presado confrade e amigo Oswaldo Melo Filho escreve, neste momento, com uma paciência de pescador de caniço, uma Introdução à Literatura Catarinense, na qual vem colocando todo o vigor da sua inteligência moça servida por uma invejável dedicação ao estudo.

Hoje cedo, ao arrumar alguns papéis velhos e esquecidos, encontrei entre eles um caderno de papel almasso, já debruado de rasgões de antigos manuseios, contendo alguns sonetos e epitafios, composições que vou transcrever, com as notas que as mesmas me sugeriram.

Voltado para outras preocupações e outros estudos, confesso que não possuo a mínima idéia a respeito de escolas literárias a que possivelmente estivessem filiados os seus autores. Nem mesmo sou capaz de distinguir entre tôdas as aludidas composições qual a que, dentro dos cânones poéticos, tivesse sido capaz de ferir sensibilidades estéticas. Para mim, mesmo, foi muito difícil escolher dentre elas qual a pior. Não hesito mesmo em confessar que as achei duras, forçadas, artificiais... Mas, isto é opinião minha, coisa que nada vale em matéria de poesia e, porisso, as entrego à análise do jovem confrade que explora meticulosamente o campo da literatura barriga-verde, em busca de flores no meio do capim tiririca que a infesta.

E, se o faço, é porque estou convencido terem sido elas as mais remotas manifestações literárias aparecidas em nossa terra — pelo menos das que memória deixaram.

Com efeito, basta atender para os nomes que as assinam para se verificar que, pertencentes todos à mesma geração, uma geração que vinha do Século XVIII e que no primeiro quartel do decimo nãoo tinha alta projeção social em Santa Catarina, são, evidentemente, dos mais antigos poetas de que temos notícia os que compuzeram os sonetos e os epitafios referidos.

Da seara que tenho trabalhado — a História — posso extrair algumas informações mais ou menos completas de, pelo menos, três dos autores. E espero, com isto, estar contribuindo para que o trabalho de Melo Filho contenha mais estes bardos coloniais, que tangeram as suas líras aqui mesmo, entre a rua do Vigário e a da Palma, com passagem

pelo Largo do Palácio — limites que marcavam, nos recuados tempos d'El Rei, a zona central da cidade, onde morava o que havia de melhor na sua sociedade.

A maioria dos sonetos contida no velho manuscrito constitui glosa a um único mote, terminado o maior número dêles com um verso simplesmente detestável — “As offrendas da morte, os aís, o incenso” — e pertence ao tipo chamado “de consoantes obrigadas”, isto é, os diferentes sonetos apresentam as mesmas rimas para cada um dos respectivos versos.

Assim, o primeiro verso de cada soneto termina, no caso em foco, pela palavra “canto”; o segundo, pela palavra “grito”; o terceiro, pela palavra “afrita”, e, desta maneira, para os seguintes, pelas palavras “espanto”, “encanto”, “imita”, “palpita”, “pranto”, “gelado”, “imenso”, “fato”, “pertengo”, “brado” e “incenso”.

Dada esta condição, obedecida pelos poetas desterrados do Século XIX, não resta a menor dúvida de que tenha havido um verdadeiro torneio poético, um concurso — o primeiro sem dúvida, havido em nossa terra.

Quanto ao “motivo” determinante do mesmo, depois de expormos as produções levantaremos as hipóteses cabíveis.

Dito isto, vamos ao primeiro dos sonetos:

SONETO

“Zimbrando os ares, agourado canto,
Ave das Urnas, soluçando grita:
Ressurgem Fúrias mil, c'o a voz afrita,
Acorda a Eternidade, ergue-se o espanto.

Revôa a Morte, e decifrando o encanto,
Rancôr do Inferno em seu rancôr imita;
O Amigo ancêa ... pávido palpita ...
Tropeça d'ái em ái, de pranto em pranto.

Sôbre o funéreo Mauzolêo gelado
Ei-lo — repousa — ó mágon! ... um DEOS imenso
Já viu, já sabe o que são Céos e Fado!

Salve, ó Sombra! ... e se ainda â voz pertengo
Mudos despojos, acolhei meu brado,
As Offrendas da morte, os aís, o incenso”.

Assina-o o Juiz de Fora, dr. Ovídio Saraiva de Carvalho e Siva.
Dêsse magistrado eu já tive ocasião de falar num estudo sôbre os “Juizes de Fora” de Nossa Senhora do Desterro. Foi o segundo dêles, tendo aqui chegado em julho de 1816 e logo tomado posse do seu car-

go que era o de Juiz de Crime, do Cível, de Orfãos, Provedor da Fazenda, dos Defuntos, Ausentes, Capelas e Resíduos, com Predicamento de Correição Ordinária, cabendo-lhe, ainda, de acôrdo com o disposto nas Ordenações do Reino, presidir à Câmara Municipal.

Ovidio Saraiva era brasileiro, natural do Piauí, de Parnaíba, tendo nascido, ao que se presume, em 1786. Estudara em Coimbra, onde se graduara em 1811; foi soldado do Batalhão Acadêmico que combateu as tropas de Junot durante a invasão napoleônica da Península; escreveu um relato das façanhas do aludido batalhão; e, em 1812, tendo regressado à Pátria, foi nomeado Juiz de Fora de Mariana, Minas Gerais. De lá, ao que se sabe, veio diretamente para Santa Catarina.

Isto aqui, naquele tempo, não era muito agradável, nem confortável...

Não havia iluminação a não ser em noites de lua. Depois das oito horas era mesmo perigoso aventurar-se alguém a sair para fora das portas da casa, pois era então que as ruas abundavam de soldados, de marinheiros, de negros vadios — tôda a malta de valentões e de capoeiras, à procura de rixas e de marafonas, saída de lá dos lados do Rio da Bulha (que por outro motivo não era assim chamado...), da Toca, da Figueira...

O policiamento era nulo e só em casos de sangrentos ajustes de contas, de motins ou de furtos era que se aventuravam meirinhos e vereadores, sob a chefia do Juiz de Fora em pessoa, auxiliados por alguns soldados obtidos por empréstimo do Governador da Capitania, a enfrentar os turbulentos e os malfeitores.

Era na calada da noite que iam colocar à porta dos classe média de então os engeitados, nascidos na véspera nos cortiços do Beco Sujo, nos Pelames ou nos da Rua da Bica.

A vila povoava-se de espectros encapuçados, trazendo por baixo das capas amplas a faca afiada para a defesa ou para o ataque.

Em compensação, a vida começava cedo, nas barraquinhas do Largo do Palácio, que enxameavam pela borda da praia, subindo até a altura da Casa da Câmara. Era ali o movimento do mercado, da feira diária ao ar livre, que enchia o largo vazio e barrento de negociantes em busca de mercadorias, de pescadores vindos "do outro lado", de escravos reluzentes sob a carga das compras curtas, de negras faladeiras, conversando e rindo alto, trocando comentários, marcando encontros, fazendo muchôchos aos desocupados que lhes dirigiam graças e convites ou aos circunspectos senhores que, às mais enxundiosas e rebofantes, piscavam o olho cheio de malícia e de lascívia...

As senhoras e sinhás não saíam a esta hora matutina, a confundir-se com a gentilha das barraquinhas. Seria um escândalo!

As casas de ferragens, cheirando a alcatrão e a pixe, povoavam-se de marinheiros, enchiam-se de barricas que atravancavam os passos. E as boticas abriam as suas portas para os primeiros boateiros políticos do dia, que veiculavam as notícias fresquinhas... saídas da Côte

dez ou vinte dias antes e trazidas pelo último barco, fundeado na madrugada...

As dez era o almôço. Depois, a sesta. E, depois, nada mais que fazer até a hora do jantar, às quatro. Um passeio, uma visita, novos bate-papos nas boticas ou nas casas dos armadores ricos, uma reverência ao Governador, o enterro de um amigo e, mal terminava o crepúsculo tocava "a recolher", ali pelas oito da noite, a gente bem metia-se em casa, pois era a hora da malta, da escória, da vagabundagem pular da toca, para perambular pelas ruas à aventura. As nove da noite era o chá — e depois, cama.

Vida descansada — mas monótona...

Nesse ano de 1816, então, a coisa andava pior ainda.

Em março havia falecido a Rainha D. Maria I e todo o povo andava de luto.

De luto, sim... De acordo com a regra, os homens acima de 14 e as mulheres de mais de 12 anos eram obrigados a carregar luto, seis meses fechado e mais seis aliviado... Só escapavam deste rigor os escravos e os indigentes que, mesmo assim, eram constrangidos a levar no chapéu uma fita de pano preto. A desobediência era punida com seis mil réis de multa, o dobro na reincidência, acrescido de trinta dias de cadeia...

A cidade, que já não era muito divertida, estava assim quando por aqui chegou o dr. Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva. Triste. Fúnebre. Tétrica!... Se não fôra a presença de quase 5 mil soldados e as truculências de um Governador de maus bofes — isto aqui seria tão divertido quanto um cemitério em dia de chuva...

Mas, o ano passou depressa, entre as futricas de uma sociedade colonial cheia de preconceitos e de ciúmezinhos. Em abril do ano seguinte, pensou o luto, foi marcado o "solene auto de levantamento e juramento de preito e homenagem a Sua Majestade o Senhor Dom João VI" — que deveria realizar-se exatamente no dia 6 daquele mês.

Ovídio Saraiva, como Presidente da Câmara, preparou uma festança de primeira ordem, pois entendeu que tal cerimônia era, nada mais nada menos, do que a comemoração local e oficial da Coroação do novo Soberano. O programa foi confeccionado a capricho: salva das fortalezas, desfile militar dos 5 mil homens em uniforme de parada, Missa solene na Matriz (na qual o padre Caetano de Araujo Figueiredo pronunciou uma oração "enérgica, elegante e rematada"), Te Deum no mesmo templo, fogos, iluminação a giorno, obtida com tigelinhas de sêbo, nos edifícios públicos e nas casas dos maiores e — ponto culminante da festa que duraria nada menos de três dias — o juramento de fidelidade ao novo Rei, prestado por todos — povo, nobreza e clero — no amplo largo do Palácio.

Chegado o dia, Ovídio meteu-se (conforme narração de sua própria autoria) em calções de seda, fraque bordado a ouro, chapéu emplumado, de dois bicos e, de Varal Branco, distintivo da sua função e da

sua autoridade, teve a insigne honra de levantar os "vivos" a Sua Magestade, repetidos por toda a multidão, pois o Governador, que deveria "puxá-los", por seu azar, estava de cama, com os ossos e as carnes moidos em consequência de uma queda de cavallo.

O edificio da Câmara apresentou-se imponente nas suas luzes. Ao alto, entre os fogos das tigelinhas, de corpo inteiro, o retrato de D. João VI e, por baixo, uma quadrinha composta pelo mesmíssimo Ovidio, que já se mostrava um péssimo poeta:

"O Trono a que te exalta
A Pátria, ó Rei, entre as Nações,
É aquele mesmo Trono
Que tem tido em corações".
Simplesmente detestável...

Durante os três dias da festança, houve "teatrinho de sombras" ao ar livre, para o populacho, enquanto a alta sociedade assistia à representação da "Tragédia do Fayal", encenada por amadores locais, "escolhidos entre as classes principais". Não sabemos onde, em que casa se armou esse teatrinho. Todavia, Ovidio, na sua narração pormenorizada, na qual não esqueceu nem mesmo de descrever a riqueza dos seus trajos de cada dia das solenidades, exaltando-lhes a "bizarria", descreve o Teatro como "ricamente ornado e elegantemente pintado" e so qual denominara "Lealdade ao Soberano". E havia música — a "mais harmoniosa desta ilha" — sob a regência do maestro Capitão Francisco Luiz do Livramento.

Durante três dias o nosso Juiz de Fora andou a banhar-se em água de rosas, "dispendiosamente vestido de grande gala", a ouvir os elogios de toda gente, principalmente das jovens do Destêrro, muitas das quais pela primeira vez viam o ceu estrelado da sua terra, pois nunca haviam saído à noite...

E, como tudo está no começar, depois das festas da coroação seguiram-se as do aniversário da Rainha — a famigerada D. Carlota Joaquina — a 29 de abril, e as do aniversário do Rei, a 13 de maio, levando-se à cena a peça "A Nova Castro", entremeiada de discursos laudatórios à Real Família. de autoria, sempre, está mais que visto, do nosso illustre ativo Presidente da Câmara e Juiz de Fora.

Nem mesmo os prêsos da Cadeia foram esquecidos: a êles, Ovidio, do seu bolso, como fez questão de deixar registrado, mandou servir... um refresco.

Uma beleza!

O diabo foi que... não houve a Coroação...

D. João só foi coroado em fevereiro de 1818 e as festividades do Destêrro foram feitas por antecipação, na mais tremenda das gaffes que um Juiz de Fora jamais cometera.

Ovídio, para não lhe gozarem a história, que seria objeto de comentários que o conduziriam a um ridículo tremendo, quando soube de que não houvera a coroação, escondeu o seu Relatório, já a tais horas transcrito nos livros da Câmara (foi onde o encontrei...) e silenciou, tendo o fato ficado por aqui ignorado. Pelo menos não transpirou de certas esferas... E continuou a poetar tranquilamente, até que pôde fazer as comunicações oficiais, quando D. João recebeu a Corôa.

Depois que deixou Santa Catarina, Ovídio Saraiva foi eleito deputado às Côrtes de Lisboa, pela sua Província natal, o Piauí, mas não foi tomar posse da sua cadeira. Depois, foi a Desembargador, continuando sempre a poetar, tendo deixado inúmeras obras. Brigou, afinal, com D. Pedro I e escreveu um "Hino ao Grande e Heróico Dia Sete de Abril de 1831", cantando e celebrando a atitude do povo nos dias intranquilos da abdicação do nosso primeiro Imperador. A letra deste hino foi adaptada — não sei como... — à música de Francisco Manuel, tendo sido, assim, a primeira do Hino Nacional Brasileiro.

Para amostra, algumas estrofes, em que se sente uma intensa paixão lusófoba, quando dantes tão extremado partidário da Casa de Bragança havia sido o nosso magistrado:

"Ingratos à bizzarria,
invejosos do talento,
nossas virtudes, nosso ouro,
foi seu diário alimento
Uma prudente Regência,
Um monarca brasileiro
nos prometem venturoso
um porvir mais lisongeiro
Os bronzes da tirania
Já no Brasil não rouquejam

os monstros que o escravizavam
já entre nós não vicejam
Ferros, grilhões e fôrças
d'antemão se preparavam,
mil planos de proscricção
as mãos dos monstros gisavam.
Arranquemos aos nossos filhos,
nomes e idéias dos luses...
monstros que sempre em traições
nos envolveram confusos...

Como se vê, em 1831 o nosso homem continuava um mau poeta...

A briga com D. Pedro I deveu-se a ter sido Ovídio Saraiva advogado de João Guilherme Ratcliff. Tomado de paixão pela causa do patriota, moveu meio mundo para salvá-lo da forca. Fez sua aliada, até, a

Marqueza de Santos, que possuía o segredo do cadeado do coração do Imperador. Tudo foi em vão. Nada conseguiu e Ratcliff subiu ao patíbulo.

Rompeu, então, Ovídio, com a Casa de Bragança, da qual havia sido áulico e valido, tornando-se um ferrenho inimigo de tudo o que cheirasse a "caramurú", isto é, a legitimismo, a volta de D. Pedro ao trono brasileiro.

Deixou as seguintes obras. *Palmas* (Coimbra, 1808); *Odes Piadricas* (Idem); *As saudosas cinzas do sr. João do Canto e Melo, Visconde de Castro* (era o Pai da Marqueza...) — Rio, 1826); o *Amigo do Reis e da Nação* (Rio, 1827). *O Pranto Americano* (Rio, 1827) — *Narração das Marchas feitas pelo Corpo Militar Acadêmico* (Coimbra, 1812); *O patriotismo acadêmico* (Rio, 1812); *Heróis de Olímpia e Herculano, ou o Triunfo Conjugal* (Rio, 1840); *Defesa de João Guilherme Ratcliff* (Rio, 1872 e 1889).

Faleceu em 1852, na Corte do Rio de Janeiro, como Desembargador aposentado. Mário Bohring o situa entre "os brasileiros célebres em 1822".

Felizmente não o coloca entre... os poetas célebres...

II

O segundo dos sonetos encontrados é de autoria de João Prestes Barreto da Fontoura, Provedor da Fazenda Real na Ilha de Santa Catarina, e vem com a anotação "ao mesmo mothe, pelos mesmos finais do primeiro" — o que nos leva a crêr que o de Ovídio tivesse servido de padrão ao concurso. Vamos a êle:

SONETO

"Ao som melífluo d'agradável canto
Quando só de prazer se ouvia a grita,
E a alma longe de arquejar aflita,
Se nutre em terno, deleitoso espanto:

Do Averno surge, por tartáreo encanto,
Monstro que a si pertence, a si se imita
Hórrido espuma e hórrido palpita
Jurando converter o gosto em pranto!

Completa a jura, e Jônio, cálice gelado!
Que sanha! que pavôr! que mal imenso!
A inveja triunfou: maldito Fado:

Alma de Jônio! salve!... Eu te pertença
E dos amigos te pertence o brado,
As ofr'endas da morte, os aís, o incenso".

Bem — o prélio é duro... Opinar qual o pior dos dois é, deveras, difficil, pois se o primeiro arranha o ouvido, este segundo cheira mal...

Aliás, nunca me constou que este João Prestes Barreto da Fontoura, meu conhecido de longa data, tivesse sido poeta algum dia. Só agora o descobri.

João Prestes Barreto da Fontoura era filho de João Prestes de Melo, seu antecessor no posto que occupava, e o maior intrigante e enfatuado servidor da Corôa em terras de Santa Catarina. Tal como o pai. "Arcades ambo..."

O pai viera para Santa Catarina por volta de 1791, como Provedor da Fazenda Real, repartição equivalente, hoje, à da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional e Alfândega reunidas. Era lisboeta, homem cheio de empáfias, de arestas e de melindres, sempre a dizer-se Ministro de Sua Majestade, sempre metido a importante e exigindo ordenança fardado à porta da casa.

Criou inúmeros e ridículos casos no Destêrro!

Com a Câmara, certa vez, arranjou um, exigindo que esta, sempre que tivesse de tratar de assuntos atinentes aos negócios públicos com elle, não lhe mandasse o Presidente nem qualquer dos Vereadores que estivesse nas funções de Secretário ou Procurador. Não deixava por menos: — a Câmara havia de ir... incorporada.

Com o Governador Manoel Soares de Coimbra, que ao cargo civil juntava o de comandante do Regimento de Linha da Ilha, pouco depois de aqui chegado, Prestes de Melo criou o maior dos casos, que redundou no afastamento de Coimbra do cargo e exigiu mais de um decênio para se limpar das acusações que o Provedor lhe fizera.

O caso é longo, prende-se à construção do Quartel do Campo do Manejo e não vem ao caso narrá-lo nos pormenores. Basta saber que Coimbra, para justificar-se teve de ir ao Reino e João Prestes de Melo, que não largava a sua prêsa assim tão facilmente, também obteve licença para ir até a Corte de Lisboa, em 1799, certamente para atrapa-lhar o atribulado Coronel. Deixou aqui a família, tendo o filho, nos primeiros anos do Século, ido levá-la ao Pai pois de lá não voltou elle para o emprêgo. Mas voltou o filho — tão enfatuado quanto o pai e tão intrigante quanto elle. Com effeito, armou Barreto da Fontoura uma formidável encrenca, envolvendo o primeiro Juiz de Fora da Vila do Destêrro, dr. Francisco de Almeida, que acabou em motim, representação ao Rei, afastamento da autoridade, saindo Lourenço de Almeida, mais ou menos a toque de caixa. Uma coisa tão bem urdida, tão bem engendrada que seria capaz de matar de inveja o velho pai, lá em Fortugal, se soubesse de tudo...

Barreto da Fontoura, interino na Função, foi efetivado em 1808 e serviu até 1817, quando foi extinta a Repartição e criada em seu lugar uma Junta de Fazenda, composta de vários deputados, sob a presidência do Governador. Um dos deputados, o deputado escrivão, era, ao tempo dos scnetos, justamente o nosso poeta. Aposentou-se em

1832, foi Membro do Conselho Geral da Província e deputado à primeira Asembléia Legislativa Provincial, de 1835, tendo ocupado a Vice-Presidência em 1836.

Não lhe conheço outras produções poéticas. Se as teve, perderam-se.

111

Este primeiro grupo literário da Capitania, assim como não tenho a menor dúvida a respeito de ter sido o primeiro existente em nossa terra — ainda que sem organização em sociedade —, não me traz dificuldades em considerá-lo composto de gente de alto coturno.

Os sonetos são de um período que vai de 1816 a 1819 — pois foi este o triênio que Ovídio Saraiva tirou como Juiz de Fora de Nossa Senhora do Destêrro, e o único que viu reunidos, no mesmo local, os quatro vates que o compuzeram.

Também posso afirmar que constituíam estes quatro homens — possivelmente com alguns poucos mais — um grupo ligação por afinidades sociais. Todos são figuras de projeção na vida administrativa e política da Capitania, estavam no mesmo nível social, eram da mesma roda.

Se o primeiro deles era Juiz de Fora, o segundo Provedor da Fazenda ou seu Deputado Escrivão, o terceiro, por sua vez era o Deputado-Tesoureiro da mesma Junta, e foi homem ilustre: Diogo Duarte Silva.

Das notas que possuo consta que Diogo Duarte Silva veio com a família, de Montevidéo, em 1811, com mais cinco outras, tôdas portuguesas, obtendo a permissão do Príncipe Regente para aqui se instalar.

Com efeito, aqui se fixou — e a sua descendência atinge os nossos dias e tornou-se elemento do mais elevado quillate social na Colônia e nos começos do Império.

Diogo foi eleito Deputado à Constituinte de 1823 e depois Deputado à Câmara Geral nas três primeiras legislaturas, tendo então deixado o cargo de Deputado Tesoureiro da Junta da Fazenda, que vinha ocupando desde 1817. Mais tarde, quando perdeu a cadeira no Parlamento para Jerônimo Coelho, foi Inspetor da Tesouraria e Inspetor Geral do Tesouro Nacional, não devendo ser confundido com um filho do mesmo nome que, seguindo as pégadas paternas, chegou a ser Presidente do Banco do Brasil.

Foi, como se vê, o velho Diogo, um político de evidência na Província e dos documentos que possuo, obtidos nos arquivos, consta ter sido altamente conceituado.

Também a este não o conhecia como poeta — e também mau poeta, infelizmente ...

Dito isto, vejamos o terceiro soneto, de sua autoria, que vem antecedido daquela mesma nota de servir "ao mesmo mothe e pelos mesmos finais do primeiro":

SONETO

"Nestas endeixas, lutuoso canto,
A minha Musa descompassa e grita,
Por entre sombras soluçando aflita
Falecem vozes e recresce o espanto.

Tomando à Lira d'harmonia o encanto
D'Eurídice o amador pulsando imita:
Eis, já dos Manes na Mansão palpita,
Os sons lhe apura, o Dite arranca o pranto.

De Jônio o resto, diz, deixei gelado;
Sua alma busco neste espaço imenso.
Quero, se posso, unir ao seu meu Fado.

Que assombro! ... é Jônio! ... é Jônio! ... "Aos Céos pertença",
Ele diz: — "Da amargura cesse o brado,
As off'endas da morte, os áis, o incenso" ...

Do mesmo Autor, ainda, um segundo soneto, obedecendo as mesmas regras:

"Pomposo Mausoléu, piedoso Canto,
Musa da Morte àquele lado grita;
Aqui Augusta companhia aflita
No Sacro Templo reina a dôr, o espanto:
Harmonia dos Céos, tû, d'alma encanto,
Suspiros nossos, o teu som imita:
Aos crebos áis o coração palpita,
Ao som das Nênias se amolece o pranto.

Ai! O túmulo encerra ali gelado
Teu vulto, ó Jônio, mas fulgôr imenso
Tua alma goza: completou-se o Fado!

Amigos meus, de Jônio, eu vos pertença!
Colham seus Manes nosso aflito brado,
As off'endas da morte, os áis, o incenso ...".

IV

O último dos poetas que se apresentou foi Antônio Francisco da Costa.

Graças à colaboração do ilustre genealogista catarinense sr. Antônio Taulois de Mesquita qude completar os poucos dados biográ-

ficos desse vate conterrâneo que era, sem dúvida, o mais jovem do grupo, pois, nascido em 1794, contava, à época, pouco mais de 20 anos.

Filho de Manoel Firmino da Costa, que tinha a patente de Capitão-mór, pertencia à estirpe de Tomaz Francisco da Costa, um dos mais destacados elementos da sociedade colonial de Santa Catarina. Era, pois, também, de ilustre prosápia, pertencendo à mesma camada social donde saíram os seus confrades. Tenho nota de que foi Deputado à Assembléia Provincial em sua primeira legislatura (1835-1838), e ocupou a Vice-Presidência no ano da sua instalação.

São dêle três dos sonetos agora recolhidos: o primeiro segue a mesma orientação das consoantes obrigadas; o segundo, apenas obedece ao mote; e o último se liberta das algemas destas obrigações, embora verse sobre o mesmo tema.

Transcrevendo os dois primeiros, deixamos o derradeiro para fazê-lo juntamente com outros sonetos dos Autores já focalizados, também livres das consoantes e do mote.

Eis o primeiro:

"Já não ousa tecer alegre canto
Minha Musa, que só suspira e grita;
Cheia de horror, minha alma aflita,
Sucumbida ficou de um triste espanto.

Foi vítima infeliz o nosso encanto
De um bárbaro mortal, que a Fúria imita:
Arqueja o peito meu, de dôr palpita,
Banham-se as faces de amargoso pranto.
O triste erguido Mausoléu gelado,
Aviva a minha dôr, meu mal imenso,
Inda faz mais cruel meu duro fado.

Jônio, Jônio morreu... Já não pertença
Ao júbilo, ao prazer!... Eu gemo, eu brado!
Assim, Jônio infeliz, assim te incenso!...

O segundo:

"Jônio já não existe; a doce vida
Roubou-lhe iníqua mão, findou seus dias,
Monstro, Monstro feroz, cruéis Harpias
Punam tua maldade nunca ouvida.

Amiga sociedade, eis sucumbida
À mágoa, ao pranto, à dôr, entre agonias:
Terno pai, terna mãe, irmãs já frias,
Quais vítimas da morte enfurecida.

Eis Jônio, já não Jônio, arrebatado
A estância divinal de um Deus imenso:
Ei-lo de glórias mil todo cercado.

De lá, brada ao amigo: "— Eu vos dispenso,
Pois vivo com prazer de um Deus ao lado,
As ofrendas da morte, os aís, o incenso!" ...

V

A morte dêste Jônio, tão sincera ou simuladamente sentida pelos vates desterrenses dos começos do Século XIX, deu ensejo ainda a outros sonetos, que compõem o restante do manuscrito que me veio às mãos, sonetos que já obedecem a uma orientação única pois só há o mote a glosar mas não consoantes obrigatórias a seguir. O tema é o mesmo e, a meu ver, não são melhores do que os primeiros.

De Ovídio Saraiva:

"Que horrídas cenas não diviso ao lado
Em curto quadro de mais curtos dias!
Como a róseos jardins as neves frias
Assim crestou prazeres meus o Fado!

O amigo raro que dos Céos roubado,
Dos Céos entesourava as leis mais pias,
Descê ... Ai de mim! ... à estância de agonias
E deixa a Pátria, o Pai e o Amigo honrado.

Ai!, a alma me levou!, levou consigo
Meu peito, que o adorava, ao vacuo extenso
Dos bons, dos justos, ao risonho abrigo.

Mas, ah! se em vida dei-te o peito imenso
Às cinzas tuas tem que dar-te o amigo
As ofrendas da morte, os aís, o incenso" ...

De João Prestes:

"Que vejo! que ouço! a vítima cruenta
É Jônio amável de impensado tiro!
E pode braço humano o fresco giro
De seus dias cortar? Ai dor violenta!

Oh! Sombras, Trevas, com que a dor se aumenta,
Cercai-me, enquanto de pezar me firo ...

A C ! não perturbeis, não, meu retiro,
Grata visão a minha idéia alenta.

Eu penetro o Empíreo, e ali diviso
A sua alma inocente em gôzo intenso,
Em celeste fulgôr. celeste riso.

Sim, lá reina na habitação do Imenso.
Cessem prantos e cessem de improviso
As ofr'endas da morte, os áis, o incenso ..."

De Diogo:

Suspende o golpe bárbaro, malvado!
A inocência respeita, e tantas vidas!
Ah! Natura bradou, foram sentidas
Tais vozes n'alma infame do culpado.

Ai! O sócio das trevas disparado
Tem da morte as prisões endurecidas.
....., sangue, estragos e perdas
Esperanças tuas, Jônio infornado!

Nosso queixume aos Céos voou contigo;
Recebendo tua alma o Ser Imenso
Deixar não pode o crime sem castigo.

Entretanto, acurvado ao golpe intenso
Te oferta amargurado o triste amigo
As ofr'endas da morte, os áis, o incenso! ...

Finalmente, o de Antônio Francisco da Costa:

"Que súbita catástrofe horrorosa!
Que desgraça fatal! Ah! Jônio amado,
Quando folgas alegre, eis a teu lado
Eis. ferindo-te, a morte pavorosa!

Que detestável fúria sanguinosa,
Que dragão infernal, que monstro nado,
Do negro escuro bátratro mandado
Te rouba a vida, a vida preciosa!

z z

Talvez que dos remorsos tragadores
(A tanto chega o crime) o monstro isento
Escute com prazer nossos clamores

Porém, permita o Céu, ao justo atento,
Que encontre em punição dos seus furores
Na sua consciência o seu tormento.

Eis aí as produções encontradas num manuscrito, que me foi entregue há anos pelo sr. Desembargador Henrique Fontes, meu mestre e meu amigo e, com procedência, do Gabinete do sr. Interventor Federal — o que atesta terem sido encontrados em Palácio, ao se fazer a arrumação de algum arquivo.

Tratando-se de manuscrito que não se prendia a assunto administrativo, não pôde continuar a figurar no Arquivo, sendo então entregue ao exame do ilustre mestre que m'o passou às mãos.

Evidentemente não se trata de um documento histórico que possa interessar à administração ou à política do nosso Estado. Mas, sem dúvida alguma, é um documento que se prende de perto à história literária da nossa terra, enquanto mais remotas produções não forem encontradas, terão estas, nele contidas, a primazia como as mais antigas manifestações poéticas aqui produzidas, por gente aqui radicada.

VI

Já tratamos dos vates. Já recordamos os seus dados biográficos e vimos as suas produções. Aproveitamos a oportunidade para projetarmos na tela da recordação alguns flagrantes da vida com paisagens do ambiente colonial da nossa Cidade.

Falta, agora, que digamos sobre o defunto ...

Este Jônio deu-me que fazer ...

As hipóteses foram levantadas e analisadas uma a uma, não so por mim mas por mestres ilustres que acorreram com as suas luzes e conhecimentos, mestres do porte de Henrique da Silva Fontes e de George Agostinho da Silva.

Teria sido Jônio um personagem verdadeiro?

Neste caso, teria sido uma pessoa pertencente à sociedade local, amigo dos poetas, pertencente à mesma roda social — ou teria sido um amigo de fora, de outra terra, que aos quatro tivesse abalado com a notícia de sua trágica morte.

Esta última hipótese parece estar fora de conta, pois seria exigir um concurso enorme de circunstâncias que dificilmente se registrarão. Seria, então um elemento local. Mas, a morte de uma pessoa que desfrutava da amizade de um Juiz de Fora, de dois Deputados à Junta de Fazenda e de outra figura importante da sociedade, pessoa portanto, desfrutando de elevada posição, morte trágica, conseqüente a um tiro, desfechado por um assassino, morte que abalaria não apenas os poetas mas toda a sociedade local, não ficaria sem registro nos anais da nossa vida colonial. Se não havia imprensa para noticiá-la,

para registrá-la, havia inúmeras outras formas de registro onde a teríamos encontrado, como de muitos outros fatos encontramos.

Os arquivos, entretanto, silenciam.

Uma pesquisa que se impunha foi pacientemente feita. Corri, página por página, assento por assento, nota por nota, o Livro de Registro de Óbitos da Cúria Metropolitana, relativo à época, desde 1815 até 1823 — e nada foi encontrado. Muitas mortes, vários assassinios — mas coisa alguma relativa a pessoa importante, jovem, assassinado por um tiro, que se chamasse Jônio ou João.

Poderá, ainda, ter sido o personagem, local assassinado fora daqui, em outro lugar, na Côrte, noutra cidade qualquer.

Quem sabe ?

De qualquer maneira, é pesquisa que não se pode fazer. São destas coisas que a gente descobre por acaso . . .

Não foi, assim, possível, identificar Jônio, o morto.

Surgiu, então, a hipótese de se tratar de um personagem fictício, criado para figurar como tema central de um prélio literário. As bases do concurso estariam na aceitação de determinadas consoantes obrigadas e no mote final, extraído de algum vate da Arcádia, então em pleno apogêo, a cuja influência se rendia Ovídio Saraiva — que teria sido o idealizador da justa poética, uma vez que o seu, não cabe dúvida, foi o primeiro dos sonetos obedecendo as linhas traçadas.

A hipótese não é absurda. Mas George Agostinho, que tem autoridade em literatura e conhece a obra dos arcades, sentindo nos sonetos “uma qualquer coisa que nos lembra Manoel Baroosa do Bocage”, não se recorda do verso final, “o menos bocageano de todos”. Andei-o procurando na obra de Bocage, lembrando-me de que uma das notas colhidas no Arquivo do Palácio, na correspondência dos Vice-Reis aos Governadores da Capitania, refere-se a livros enviados para Santa Catarina, para a educação do povo e que a única obra literária contida na relação é justamente o CANTO HERÓICO, do referido vate lusitano, isto no ano de 1799, mas nada encontrei. Nem mesmo o dito Canto . . .

Fala, entretanto, contra a hipótese de um prélio nestas condições, isto é, de ter sido apenas um concurso literário para aferir capacidades poéticas, o fato de não haverem as produções se limitado aos sonetos.

Fôsse um concurso, parece-me, ficaria nos sonetos o contingente de cada um. Não haveria necessidade de se completar o mesmo com epítáfios. E o manuscrito que tanta curiosidade desperta, contém três deles — o que acho demais para um simples páreo de literatura.

Os epítáfios são os seguintes:

De Diogo Duarte Silva:

“Vítima foi de atroz barbaridade:

Eis os seus restos mortais! Sua alma pura

Na presença de um Deus, na Eternidade
Goza da Paz que eternamente dura!"

Barreto da Fontoura apresenta o seu como uma Inscrição":

"Seu mal surgiu com sanha desabrida,
Funesto tiro que escapou do Inferno,
A vida lhe roubou, mas só a vida,
Seu nome em corações existe eterno".

O derradeiro, de Antônio Francisco da Costa, está assim redigido:

"Jônio aqui jaz; bom filho e amigo honrado:
Foi dócil, justo, pio e virtuoso.
Viveu como um herói, mas deu-lhe o Fado
O fim que é só devido ao criminoso".

Assim, não parece, também, que o personagem fôsse apenas fictício. Aliás, George Agostinho acha que não sendo Jônio uma das consoantes obrigadas, tudo faz crer que se prenda a um fato de âmbito local.

Neste caso, Jônio, existiu, e aqui, sendo aqui assassinado por um tiro e chorado pelos árcades barriga-verdes.

Fica a incógnita. Incógnita histórica, pois que o fato literário e certo e não deixa dúvidas sobre a existência, no primeiro quartel do século XIX, de um grupo de homens "bem" que poetavam e eram capazes de versificar, atendendo a regras de antemão estabelecidas, num verdadeiro prélio literário. E que tal grupo, ainda que não organizado em sociedade literária, tenha sido aquêle que deixou de si a mais antiga notícia. Podem as suas produções não agradar à nossa sensibilidade — como a mim não agradaram — mas nem porisso deixam de ser manifestações literárias de uma época em que elas, aqui, não eram talvez raras, mas seriam possivelmente únicas...

Mão piedosa — quem sabe dalgum parente de Jônio — as recolheu, tôdas.

Mais tarde finalmente, outra, não menos piedosa, as trasladou para o amarelecido papel donde hoje as copio, para que Melo Filho as possa situar, no panorama literário de Santa Catarina.

Florianópolis, maio de 1956.



"TERRA FRACA"

Escrever a respeito do caderno de poemas de Anibal Nunes Pires se me afigura uma tarefa complexa, apesar de sua aparente simplicidade. Por que? Em primeiro lugar pelo fato de que nós, os da "velha-guarda" de "Sul", acompanhamos a vida desse caderno, nas suas várias fases, das muitas vezes em que esteve para sair e era retirado pelo Autor, numa insatisfação constante; corre-se assim o risco de se ler um livro diferente do que os outros lêem, tal como um amigo desde a infância compreende melhor nossas reações do que um recém-conhecido. Em segundo lugar, porque nossa velha camaradagem mistura o homem e a obra, e sem o querer, damos à obra explicações que não tiramos dali, mas do homem.

Porém, antes de mais nada, é preciso que se destaque a alegria com que nós, de "Sul", saudamos a edição. Neste artigo não pretendo esgotar, nem ao de longe, a discussão em torno de "Terra Fraca", mas, simplesmente saudar seu aparecimento e ressaltar alguns aspectos centrais, que me parecem dignos de nota.

Uma impressão se tira do conjunto do livro: não é o livro de um adolescente pleno de arroubos e sendas novas a percorrer, mas também não é de nenhum modo o livro de conformismo e desinteresse, que se tornou de praxe esperar cá por nossa terra, daqueles que andam pelos quarenta. É o livro calmo, e mesmo um pouco amargo, de quem sabe ser a vida um contínuo caminhar, em busca de si mesmo e dos outros homens, de quem sabe que o segredo da juventude está em fazer sem medo essa caminhada, e que só quem a abandona deixa de ser jovem. Porisso há por todo o livro um sópro de mocidade, de mocidade como realidade interior e não como injunção cronológica.

Está Anibal a caminhar? Parece fora de dúvida. É numa bela estrada, a do humanismo, na estrada da consciência do ser social, jornada que podemos bem perceber pelo desenrolar da temática dos poemas.

No poema "Terra Fraca", que dá nome ao caderno (título que por sinal acho em desacôrdo com a estrutura atual do livro — já foi válido para o de anos atrás há uma atitude de "maktub" perante as coisas, de angústia parada e impotente, que, se cultivada depois como "pôse", levaria o A. ao pântano interior em que infelizmente se debatem tantos intelectuais.

Já em "Poema da Renúncia" conclui dizendo "Fugi de mim mesmo odiando as estrêlas os versos ao luar, à aurora, aos cabelos da amada e renunciei meu canto." Verdade que não silenciou o canto, pois para o poeta calar-se é uma forma de morrer, mas empreendeu o caminho de renúncia a uma temática por demais romântica e individualista; aprendendo no decorrer da caminhada que estrêlas, luar, aurora e amada sempre serão, e poderão ser, cantados sem desdouro, desde que não se faça dela desculpa para esquecer e renegar a humanidade.

"Poema da Paz" reflete a preocupação com o mundo que o rodeia, mas de tudo nasce o apêlo para a fuga, e sua "paz" é o nada, a morte, o nirvana.

Já "Poema José" não é espanto, nem fuga, mas acusação. É um dos melhores, senão o melhor do caderno, como fusão de forma e conteúdo, cheio daquela beleza como que secreta que todo poema de maior fôlego possui, beleza que transcende a mais fácil e aparente, mas que no entanto para ser conhecida só exige um pouco mais de penetração, "secreta" aqui usado no sentido de que não é fácil, sem profundidade, porém que nada tem a ver com hermetismo e formas cabalísticas. Ca-

coete que, é bom notar, às vezes ameaça atingir o A, mas felizmente sem grande gravidade, e, pelo que se lê, cada vez menos.

E a evolução dessa marcha para o homem, suas dores e angústias, alegrias e esperanças se coroa em "Amanhecer", que encerra o caderno; aí paz já não é mais morte, porém é céu, é fraternidade, é realização, é amanhecer.

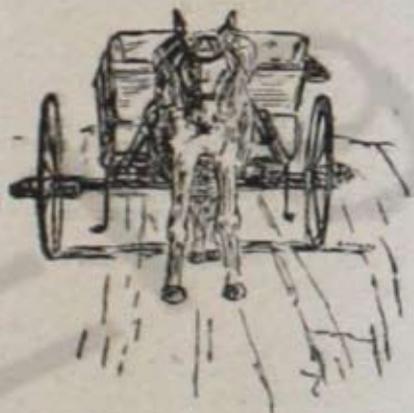
Se bem que tenha destacado até agora a temática da poesia de Aníbal Nunes Pires, não quero deixar de fazer algumas rápidas considerações sobre a forma.

O A. é econômico nas imagens, nas palavras, como que tem medo de se tornar derramado. Compreendemos seu receio, veio dos poemas caudalosos, sufocantes de tanta palavra junta, de quanta imagem e não se jogava fora com pena de desperdiçar. Busca então a síntese. Num procura justa e proveitosa, que dá belos resultados como "Poema da Saudade". Parece, no entanto, que o processo chega às vezes ao exagero do esquematismo, em que a gente fica desejando que o Autor retorne ao tema, e não-lo transmita completo, como no caso de "Poema da Morte", para citar um exemplo.

E agora, que se começa a falar, pululam assuntos e aspectos, porém a intenção do momento não é um estudo crítico, que exigiria mais tempo e vagar. Fiquemos portanto, aqui.

O caderno de Aníbal, faz-nos bem, com sua lição de honestidade e independência intelectual, de amor à poesia e recusa de se afundar em fórmulas e idéias feitas, com sua mensagem de procura da vida e amor ao homem. Nós, os de "Sul" a quem foi dedicado o caderno, vemos na dedicatória uma alegria pela distinção e amizade que encerra, e um compromisso de prosseguir pelo incentivo que representa.

Eglê Malheiros



PANORAMA DO CINEMA JAPONÊS

No Brasil desconhece-se praticamente a indústria cinematográfica da maior parte do mundo. Com os privilégios excessivos (e vergonhosos) no que tange às liberdades cambiais concedidas aos produtores norte-americanos, nosso mercado acha-se, há longo tempo, sobrecarregado de películas procedentes dos Estados-Unidos, de maneira tal que nossa capacidade de consumo vê-se, anualmente, ultrapassada.

Com excessão feita às produções francesas que aqui chegam com certa regularidade (fazendo-se as devidas ressalvas), ou italianas que se fizeram projetar a partir da última guerra juntamente com as fitas inglesas, os demais países produtores só se fazem conhecer através de um pequeno número de filmes, numa apresentação irregular. Em hipótese alguma queremos fazer apologia da importação do filme estrangeiro, pois sabemos muito bem que, dadas as condições atuais da nossa política de importação, o cinema nacional é sensivelmente prejudicado nos seus interesses econômicos. Apenas concordaríamos com um ponto de conciliação, isto é, importando o que de bom poderia ser exibido entre nós, e refugando a quantidade excessiva de produções comerciais de qualquer procedência, contrabalançando assim o número exato de filmes a serem lançados no mercado consumidor. Mas isso é assunto para outra conversa que diz respeito à atenção dos poderes competentes para o caso.

Queríamos aqui era tentar uma análise do filme estrangeiro exibido no Brasil, tomando particularmente o cinema japonês pelo fato de constituir uma curiosidade para o nosso público que o ignora completamente, como desconhece também os cinemas russo, sueco, norueguês, tcheco, etc. Por outro lado, está saturado, ou ainda, impreando, da produção total norte-americana.

É certo contudo que entra no Brasil uma média razoável de filmes japoneses, média essa superior mesmo a dos filmes suecos, russos ou alemães por exemplo. E isto porque existe um pequeno e garantido mercado interno consumidor, na presença das colônias japonesas existentes no estado de São Paulo e sul do Mato Grosso. Tivemos oportunidade de assistir a produção comercial japonesa, em São Paulo e em Campo Grande, e concordamos que ela não é passível de figurar nas telas para o público em geral, porque é tão ruim quanto o são suas congêneres norte-americanas ou mexicanas. Entretanto, estas últimas aparecem a toda hora.

Pode parecer que o cinema japonês está influenciado pelo norte-americano, embora não vejamos razões mais fortes para afirmar-se tal, a não ser se for considerada a permanência do elemento "yankee" no Japão desde a guerra até os dias atuais, e o número significativo de fil-

mes americanos exibidos desde 1945 — uma média anual de cento e cinquenta.

Embora possa existir essa influência, temos de anotar contudo que as fitas nipônicas apresentam algo de diferente quanto a sua linguagem e forma, no seu simbolismo aparente, e na conservação dos costumes, fatores esses que nos levam a aceitar que o cinema japonês possui, há muito, suas características próprias como cinema nacional.

Os lugares comuns da produção comercial se fazem sentir em todo o mundo, e o Japão não faz exceção à regra. Pelo contrário, até abusa deles, motivado talvez pela quantidade de filmes produzidos. Deve-se notar que o Japão ocupa um dos primeiros lugares na produção mundial, com mais de duzentos filmes por ano.

Essa produção é assegurada pelas 3.600 salas (1), na sua maioria pertencentes às cinco grandes produtoras do país, e por leis que limitam o número de filmes estrangeiros importados ao total de filmes japoneses realizados no ano precedente. Ora, considerando ainda o problema da fixação de letreiros nos filmes estrangeiros, que causaria natural dificuldade para o grande público, compreende-se facilmente o grosso da produção nipônica.

Chegamos a ver fitas japonesas que só se diferenciavam entre si pelos atores, decoração e meio ambiente. Argumento idêntico, cenarização paralela e desfêcho único. Um exemplo semelhante encontramos nos "far-west" e polícias americanos, e fácil será entender as razões comparando-os. E quanto mais comparamos, mais semelhança encontraremos nestas duas indústrias cinematográficas marcadamente opostas. Senão vejamos: cinco grandes produtoras realizam a maior parte das fitas no Japão; êles mesmo distribuem e exibem em suas próprias salas. O mesmo acontece nos Estados-Unidos com os "cinco grandes de Hollywood". Eis aí, numa semelhança única, as razões fundamentais da mediocridade observada no grosso da produção de ambos os países, embora cada um, deles conserve seus lugares comuns distintamente, dentro de suas características próprias e naturais.

Se nos E. E. U. a epopéia da marcha para o oeste e a vida dos "cow-boys" delinearam o gênero tão conhecido dos "filmes de mocinho", no Japão a época feudal e a epopéia dos samurais, geraram por sua vez os "filmes de sabre", que receberam êsse nome em virtude do excesso no emprêgo daquela arma. Êsses filmes constituíram o deleite do público em geral até sua interdição logo após a guerra, e ressurtem agora com grande ressonância, ao que tudo indica após o sucesso internacional de "Rashomon". Por outro lado, o cinema japonês busca nos temas de sentimentalismo piegas as histórias a serem filmadas, criando um eterno círculo vicioso que parte do herói, passando pela "geisha" que perturba suas atividades normais, e colocando-o, por fim, recuperado, nos braços de sua eleita. Ou ainda, a mocinha pobre que apaixona-se pelo moço rico e é correspondida; surge o vilão

usando de todos os meios ilícitos para conquistá-la, mas tudo termina com a heroína incólume ao lado do eleito.

Eis aí, em linhas gerais, os argumentos que, com algumas variantes, sustentam a linha de produção comercial japonesa.

Um exemplo marcante nós testemunhamos em dois filmes assistidos, ambos com atôres e técnicos diferentes. O primeiro narra a história de um jovem lutador de judo, o mais credenciado de sua academia para derrotar o rival da academia adversária e levantar o campeonato nacional. O rapaz, levado por más companhias, passa a beber e a frequentar determinada casa de tolerância, abandonando os treinos... e a simpática filha do seu mestre. Após uma série de peripécias fáceis de imaginar-se, tudo volta às boas: êle se regenera, vence o adversário e é proclamado campeão do país. O segundo, narra a mesma história com pequenas alterações na ordem cronológica dos fatos, e o herói é praticante do "kendo", antigo e popular esporte japonês que consiste num duelo à cajado, dentro de rígidas regras e etiquetas.

Os Estados- Unidos, por sua vez, não estão muito longe disso, com outras características é claro. O eterno triângulo do mocinho, mocinha e bandido se repete constantemente, ora em tecnicolor, ora em preto e branco, mas sempre nas correrias dos cavalos e diligências. A vitória do bem sôbre o mal, manifestada pelo policial que mata para defender a sociedade, através de uma quantidade infirdável de brigas violentas, é outro lugar comum muito nosso conhecido. E por que essa repetição?

A resposta não nos parece difícil. Embora sem aprofundarmos no assunto, podemos dizer que o mal vem da raiz. As bases de monopólio em que se criou a indústria cinematográfica tanto nos Estados- Unidos como no Japão, geraram todos êsses inconvenientes. O extenso mercado controlado dá margem ao desleixo na produção em grande quantidade. O lucro é certo, o único fito é aumentá-lo cada vez mais. E quem perde é o público que vicia com o mau e por fim não sabe mais discutir o bom. E perde também a própria arte, que com repetir-se, não evolue no tempo, e cai num artesanato técnica e superficialmente caprichado.

Restaria ainda citar, como refôrço de causa, outra paralelo que ocorre nestes dois países. Nos Estados- Unidos encontramos um "Código de pudor" procurando dar freios e normas ao cinema, no que se refere as questões sociais, religiosas, morais e educativas, mas que, na nossa opinião — baseada no que assistimos diáriamente nas telas — apenas regulamenta o que lhe interessa sob o aspecto político e comercial. E no Japão, a partir de 1945, também foi criado um "Código de moral do cinema" que realiza tanto e quanto o seu homólogo norte-americano.

É sabido contudo que, procedente dos Estados- Unidos, muito filme de mérito e muita obra-prima são mostrados ao mundo. Mas isso não vem derrubar nosso ponto de vista. Em linhas gerais, quase to-

dos os grandes filmes americanos foram realizados por cineastas, na sua maioria "importados" do estrangeiro (Billy Wilder, René Clair, Charlie Chaplin, Alfred Hitchcock, para citar alguns), os quais contornaram as situações impostas, produzindo suas obras com a capacidade que lhes era peculiar. E ultimamente, um considerável número de produtores independentes vêm realizando filmes que têm conquistado aplausos e prêmios internacionais. E no Japão? A partir de 1950 começaram a surgir uma série de cooperativas fundadas por realizadores e técnicos saídos dos estúdios dos "cinco grandes", e dessas cooperativas têm nascido um grande número de filmes que, conservando as características naturais, buscam um novo caminho dentro da arte, novos rumos e novas concepções, acompanhando a realidade presente e o cotidiano na sua marcha evolutiva.

Foi de uma dessas cooperativas, a "Associação do Cinema Moderno" (Kinday Eliga Kyokay), que saiu em 1952 "Os filhos de Hiroshima", o qual conquistou os melhores elogios dos críticos que o assistiram em sessão extraordinária no Festival de Cannes de 1953. Além deste, a Kinday Eliga Kyokai produziu "Boicote na vila" (Mura Hachibu) que, como o anterior, foi dirigido por Kaneto Shindo, considerado um dos melhores cinearistas japoneses. "Mura Hachibu" designa um costume medieval do Japão que priva a pessoa visada dos direitos normais de água, luz, práticas religiosas, etc.. O filme narra a história de uma jovem estudante que denuncia uma fraude eleitoral e tem, então, sua família atingida pelo boicote, provocado pelos denunciados.

No mesmo ano de 1952, outra sociedade, a Shisei Eiga, produziu "Zona evacuada" (Shinku Chitai) dirigido por S. Yamamoto, e em sistema de co-produção com uma companhia teatral, "Tempestade nos montes Hokanê". O primeiro filme faz uma severa crítica ao militarismo fanático que transforma o soldado num instrumento de morte. Sobre ambos, o ator francês Gérard Philippe em suas "Impressões sobre o cinema japonês" (2), tece comentários elogiosos, salientando que "... são películas que causarão surpresa na França pela sua forma". Relata o enredo de todos os filmes que assistiu, por onde ficamos sabendo que "tempestade nos montes Hokone" possui um alto teor social e humano, na narração da perfuração de um túnel que trará água fertilizante para um vale quase estéril. A luta dos camponeses contra os senhores feudais e os tabus religiosos propicia, conforme diz Gérard Philippe, "... três grandes momentos neste filme. O primeiro, quando trabalhando no interior da montanha, as duas equipes se encontram: ouve-se de um lado e de outro golpes repetidos, um surdo outro forte, e em lugar da habitual fusão, assiste-se com o coração em sobressalto, num tempo só, a perfuração da última parede. Outro, quando a água começa a passar. Esta seqüência dura, pelo menos, uns dez minutos. Os camponeses dançam e se revolvem na água barrenta, agitando bandeirolas. E do outro lado estão os que esperam a água,

que avança pouco a pouco como uma felicidade que aumenta gradativamente”.

Uma outra cooperativa, a Kinuta, produziu, sob a direção do até então documentarista Fumio Kamei, “Guerra e paz” (3), “Ser mãe e ser mulher”, e “A vida de uma mineira”, o qual foi realizado nas minas de carvão de Hokkaido, com o auxílio dos sindicatos e a participação ativa dos próprios mineiros. Este filme teve origem no argumento escrito por duas jovens operárias das minas, que o enviaram a um concurso realizado, pela própria Kinuta, para escritores amadores.

Outra obra criada por esta indústria independente e da qual encontramos citação, é “Órfãos mestiços” (Konketsuji), dirigida por Hideo Sekigawa, que aborda um singular problema do Japão de após-guerra. É a vida das crianças abandonadas, que perambulam pelas cidades trazendo na pele a marca do seu sangue estrangeiro, e nos olhos todo o horror e a miséria da guerra. São os “filhos da ocupação”, os chamados “G. I. babies,” vítimas inocentes que vivem a mercê da própria sorte.

Essas obras que acabamos de citar, somadas a um número que cresce dia a dia, estão dando novas diretrizes ao cinema japonês e melhorando sensivelmente o nível artístico da produção em geral. A tendência para a realidade e para o cotidiano, a coragem de enfrentar os problemas do país e trazê-los à luz, e a aproximação mais direta com o povo, fez com que Georges Sadoul chamasse a atenção para o neo-realismo do cinema japonês (4).

É essa produção estrangeira, quer seja do Japão ou de outro país qualquer, que deveríamos importar para suprir nosso mercado interno. Com leis especiais que regulamentassem essa importação e protegessem nossos interesses econômicos e nossa indústria cinematográfica — seguindo o exemplo do próprio Japão, da Itália ou da França — importaríamos o necessário e o melhor, e ficaríamos livres de uma vez da super-quantidade de “abacaxis” americanos, mexicanos ou seja lá o que forem.

Glauco Rodrigues Corrêa

- 1) — Relatório forçado pela Unifrance Film.
- 2) — Gaceta de Cultura — n.º. 6/7
- 3) — Ignora-se se foi inspirado no romance de Tolstói.
- 4) — “Existe-t-il un néoréalisme japonais?” — Cahiers du

Cinéma — Novembro 53



Desenho de Rodrigo de Haro

AZUL

A thing of Beauty is a joy for ever — Keats

Eglê Malheiros

A beleza é constante:
Momento de espanto em meio ao repulso,
Garganta de ave cindindo o silêncio,
Planície de enlêvo anulando o fragor.

É perene
e renovada
como esse dia
de sol, igual a muitos outros,
em que a carícia do vento
cria folhas a bailar.

O espaço,
que se joga no infinito,
é azul
da côr do pensamento calmo
depois do tempo aflito.

Novembro, 1956.

PASTORAL

Elizabeth Gallotti

E o mais carinhoso da minha voz
e o mais grave
ficou em todos os veiozinhos de água
e nas eternas flores
amarelas
e no barulho de todas as cachoeiras
tristes
como a tua ausência
Eu fiquei em todos os verdes
e fui paz
e a Simplicidade mais pura
de todos os elementos.

Os meus olhos se repousaram do verde
no amarelinho gentil
das flôres
e o canto da tesourinha
me contou que fazia primavera
e sol.

A tua saudade
em mim
foi se alongando com os eucaliptos
alcançou a estrêlas
que foi entregar
longe
o meu impossível carinho.
E o vento
deve ter falado da tarde
que fazia nos meus olhos, amigo.

CIDADE-MORTA

C. J. Appel Félix da Cunha

Itajaí correndo que nem sangue
pelas veias da cidade
cansada. Cidade de almas brancas
em eterna passividade.

Ó rio Itajaí-açu
cemitério inconcebido
de corpos recém-amados
espectros mal-chorados
nos seios desolados
sem ternura de nossas mães.
Estão com os olhos secos
das mortes que tu amaste
nos filhos adolescentes.
Olhos mortos de chorar.
Olhos mortos de sono !
Olhos mortos de sono !

Morreu o meu irmão
o teu irmão
o nosso irmão morreu.
Morreu.
Meu Deus
e esse rio se amamentando
no sangue de minha mãe ?
Levanta, homem.
A cidade está leucêmica
está sofrendo do mal-dos-homens
mas teu sangue tem côr de esperança,
pétala-de-rosa-côr-de-sangue..

P O E M A

Theresa Austregésilo

Meus olhos se ressentem pela ausência
De tua imagem muito branca e única.

Tu nunca me indicaste o rumo certo;
Pôr si se fez, meu torto caminhar.

Por seres pouco mãe, te fiz minha filha
E compreendi a tua humanidade.

Quero voltar à infância que não tive.
Pousa tua mão (tão branca) em minha saudade!

Mãe,
a melhor ternura vem de ti.

Florianópolis, 26-11-56.

POEMA A DILZA

Sebastião de França

**Para mim
ainda pesada de neve a rua
grandes e desconhecidos os túneis.
Apenas
sob a tristeza
tua face conhecida e mesma.
Para mim
ainda noite de feridos pássaros
soldados indefesos.**

**Apenas
sob a tristeza
teu próximo perfume de acácias
tua face povoada de festivas visões.
Para mim,
ainda o mar
espelho e angústia.
Apenas
sob a tristeza
tua face construída tão perto
por meus olhos
pesados de levar tua lembrança.**

SAUDAÇÃO A MANOELITO DE ORNELLAS

Paulo Bomfim.

Na noite de 15 de Outubro, deste ano, no salão de conferências da biblioteca Municipal de São Paulo, o poeta Paulo Bomfim, que é das mais altas expressões da poesia nova no mundo bandeirante, proferiu este poema, em nome de São Paulo, saudando, numa homenagem, a Manoelito de Ornellas.

Alma da noite paulista,
pousada sôbre esta casa,
caminha com pés de lenda
entre livros e lembranças

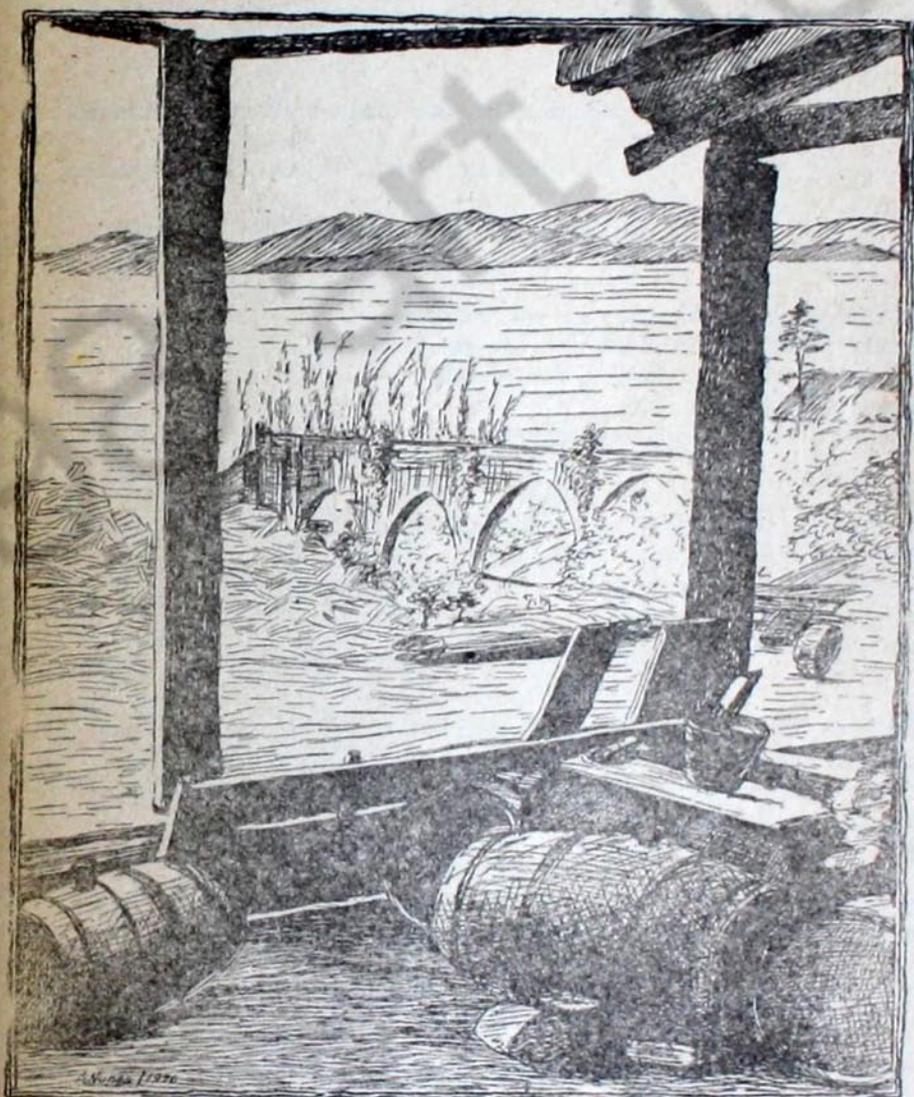
Can to da terra e da gente
coração de mocidade:
Saudai o Irmão que retorna
da coxilha ensolarada
trazendo no peito aberto
a saga verde do pampa.

Florescei cantos de luz
nas ruas tintas de noite.
cavargando minuanos,
laço de estrêlas na cinta,
o Irmão regressa de novo,
lenço de lua ao pescoço...

Veio de longe marchando
pelas estradas de nuvem,
trazendo a voz da planície
para o canto do planalto,
— Alma da noite paulista,
evocai vossas neblinas,
mistérios de nossa terra,
despertai vossas raízes:

O fogo de Tiaraju
ilumina nossos rostos
E a voz dos ventos do Sul,
e a voz das terras do Sul,
A voz dos sonhos do Sul,

nasce da chama, da bruma,
da campina, do horizonte,
corre nas veias de um povo,
brota no chão da distância.
É palavra, sangue, alma:
É Manoelito de Ornellas.



Desenho de A. Nunes

POEMA DE AIKICHI KUBOYAMA

“Todos venian para salvar el mundo !

Inesperada visita — Gloria Fuertes”

Antônio Rebordão Navarro

**Ainda podes ouvir-me, eu sei, amiga
ainda podes ouvir a minha voz de terra,
a mesma voz que fala à namorada,
a voz que diz poemas
e pede o bilhete nos electricos.**

**Não te fala de pássaros a minha voz dorida,
não te fala de rosas,
fala-te só de um homem: Aikichi Kuboyama
com sua morte bárbara
entre grandes notícias dos jornais.**

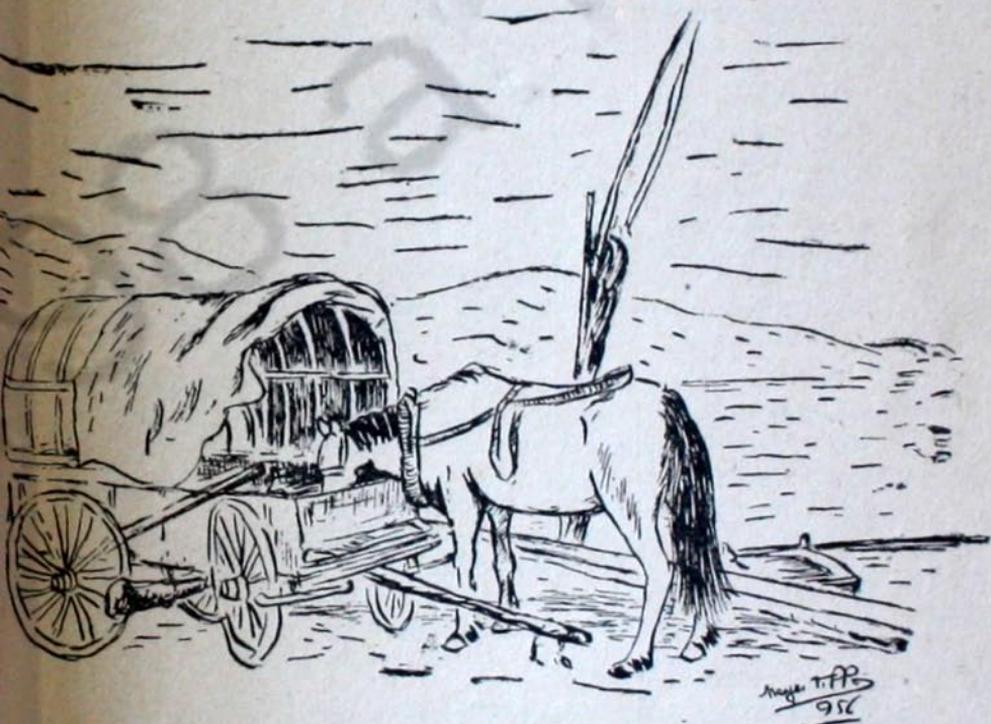
**Fala-te de um homem nem santo, nem sábio, nem poeta,
que se chamava simplesmente Aikichi Kuboyama
e, algures, entre magnólias, tinha a mãe que o esperava,
tinha mulher e filhos
ou o retrato da noiva.**

**É minha voz bravia, das muitas que conheces
a querer levar-te o nome do homem devassado.**

Kuboyama foi literalmente atravessado por particulas radio-activas
que emitiram raios fatais productores de cancro em todo o seu corpo.

**Quero que tu saibas da morte que durou 200 dias,
quero que tu a lembres com o coração e os músculos,
quero que em teu seio guardes o seu nome:**

Aikichi Kuboyama.



Desenho de E. Meyer Filho

Dois poemas de "A PAZ DE TODA A GENTE"

Nº. 1

Das mãos esvoaçou um pássaro.
E do silêncio feito à volta dêle risos.
Frutos, mais que flores, surgiram.
Da sombra do seu vôo.
E os gumes traiçoeiros que os colhiam
Ficaram de si mesmo nas bainhas,
E o negro da noite que os calava
Fugiu na madrugada.

Os homens não olharam o milagre
Como se fôra um milagre.
Olharam, sim, que de si tinha saído
Aquela paz sentida que viviam,
A promessa desejada nas suas juras de sangue
Em campos de batalha.
Das mãos esvoaçou um pássaro
E do silêncio feito à volta dêle risos.

Nº. 7

Nem das mãos trespassadas saiu sangue
Nem do peito furado brotou água.
Os olhos doces, bem doces,
Aqueles olhos de justo e inocente
Nem largaram as pombas que não tinham
Nem choraram a pênã do adeus
Ao tempo que deixavam.
Tudo ficou disperso em cinza, fogo e pó.

Nada era novo, é certo.
Mas o milagre tão puro acontecera
Naquela tarde de gelo
Atravez dum rapaz num campo de batalha
Lutando pelo Paz.
Fez-se o milagre
Como se o não fôsse.
Aconteceu
E apenas foi milagre
— Embora não houvesse um anjo anunciando

A maravilha —
Porque três homens ao verem os pedaços
Do que fôra um soldado

SOLIDARIEDADE

Mario Antônio

São para ti, amigo, os versos desta noite
inda que passem mulheres nos nossos olhos
e as luzes e os anúncios e as vitrinas nos apontem
atrás de tudo um sonho.

(A loteria, o fumo, o futebol
e o decote agressivo que passeia
o anúncio de uns seios invulgares...)

São para ti, Amigo, estes meus versos
Ao teu sonho que ocultas de banal
ao teu fato esfiado que disfarça
o teu gosto de vida e juventude.

São para ti, Amigo, estes meus versos
quando as luzes vestiam de irreal tua presença
e entre nós havia o fumo dos cigarros
e êstes anseio do tempo e do lugar.

para ti, meu irmão, meu companheiro
que recibes da vida o desperdício
deixado nas esquinas nas vitrines
e que enches de versos a penumbra
e de sonhos êste desfile de tédios e cansaço !

Desertaram
E enterraram as armas
Na luz brilhante do quadro que ficou
Depois de se rasgarem as cortinas de fumo.

Nada era novo, mas depois desses três
Ainda houve outros três
Oferecendo o milagre a outros três...

MANUEL FILIPE DE MOURA COUTINHO

SEIS POETAS ARGENTINOS CONTEMPORÁNEOS

EDGAR BAYLEY

Nació en Buenos Aires en 1819. Fué uno de los iniciadores del movimiento invencionista. Participó en la dirección de las revistas "Arturo" (1944), "Arte concreto-invencción" (1946), "Conjugación de Buenos Aires" (1951) y, actualmente, de "Poesía Buenos Aires". Ha publicado: "Invencción 2" ((1945), "En común" (1949), "Realidad interna y función de la poesía" (1952). Las ediciones "Poesía Buenos Aires" iniciaron recientemente con su nombre la colección "Poetas argentinos contemporáneos". En 1951, un grupo de jóvenes actores estrenó su "Farsa de primavera". Tiene escrita, además, otra obra de teatro: "Dulio".

FRANCISCO JOSÉ MADARIAGA

Nació en Buenos Aires en 1927. Vivió en la provincia de Corrientes sus años de infancia. Colaboró en las revistas "Tiempo vivo", "Caballo de fuego", "contemporánea", "Espiga", "Letra y línea". Ha publicado: "El pequeño patíbulo" (Letra y línea, Bs. Aires, 1954). Tiene en en prensa su segundo libro de poemas.

RAUL GUSTAVO AGUIRRE

Nació en Buenos Aires en 1927. Ha publicado: "El tiempo de la rosa" (1945), "Cuerpo del horizonte" (1951), "La danza nupcial" (1954), "Poèmes" (edición en francés de la revista "Botteghe oscure", Roma, 1954). Además: "Antología de una poesía nueva" (1952) y versiones de "Paul Eluard" (1954) y "Guillaume Apollinaire" (1954). Dirige, desde 1950, la revista y ediciones "Poesía Buenos Aires" y, actualmente, la colección "La palabra y el mundo" de la editorial Alpe. Colaboró, además, en las revistas "Sur", "Contemporánea", "Poesía de América" (México), "Spirale" (Zürich), "Botteghe oscure" (Roma), "Chiers du sud" (Marsella).

OSMAR LUIS BONDONI

Nació en Capilla del Señor (provincia de Buenos Aires) en 1929. Ha colaborado en las revistas "Poesía Buenos Aires", "Euterpe" y "Vigilia". Prepara su primer libro de poemas.

FRANCISCO URONDO

Nació en Santa Fe en 1930. Ha trabajado, allí, en el "Retablillo de Maese Pedro" y en el "Teatro de arte". Viajó a Mendoza y Tucumán con los títeres del "Retablo de Bartolo". Colaboró en las revistas "Trimestral", "Poesía Buenos Aires", "Vigilia", "Horizonte 22" (Brasil). Ha publicado: "La Perrichole" (edición privada, Bs. Aires, 1955), "Historia antigua" (Poesía Buenos Aires, Bs. Aires, 1956).

RODOLFO ALONSO

Nació en Buenos Aires en 1934. Ha colaborado en las revistas "Poesía Buenos Aires", "Euterpe", "Vigilia", "Elipse poemas", "Clima". Además, en "As artes" y "Horizonte 22" (Brasil) y "L'esprit des lettres" (Francia). Publicó: "Salud o nada" (Trayectoria, Bs. Aires, 1954), "Buenos vientos" (Poesía Buenos Aires, Bs. Aires, 1956). Tiene en preparación, para las ediciones Vigilia, su tercer libro de poemas: "El jardín de aclimatación".

Edgar Bayley

POEMA

cuando llegas
a la hora precisa
algo se despierta

es la hora de tu piel
de tu mediodía
el sol sigue su camino

los niños se agolpan
en los puntos cardinales
tu voz
tu puño vuelve a aclararse

dios mío
deja que por una vez sola
mi palabra ruede a la del día

todo es inmortal
ahora
y al viajero que llega
fatigado y tarde
le es permitido callar su nombre
comprendemos
le dicen
puedes sentarte a nuestra mesa

tanta libertad
tanta ardida mudanza
no ha sido en vano
los ojos se vuelven
a la mañana del sueño
han visto lo suficiente
en la calle

entre las sombras
en el aire
en el grito
en el pecado y la salud
han conquistado su alegría

Francisco José Madariaga

CENIT CON REPORTAJE

Carruaje celeste de la cuadrilla del sol se derrumba en
laderas calientes. L
Con un don infernal de encanto y de sonido lloras entre
los hombres tu desacuerdo con el lenguaje,
con el manantial de luz diaria erguida que el hombre po-
bre reparte entre sus hijos.

EL RIESCO DE LA VERDAD

Caes en mi como una brusca levedad del clima,
del agua,
de una oblicua y desterrada colina,
castigo delicado de un paisaje solamente hollado por su
propria demencia.
Mi desnudez asume así tu cálize cristal
y se destina más al fondo del cielo con piel sonriente
candente de tu herida.
Adorada mía tapizada de rayos,
con tu colina bajando todas las aguas de la locura.
Niña mía con la boca cargada del esplendor del plátano,
alguien,
alguien tiene que depender del canto.

AMIGOS PELIGROSOS

¿Y cómo adoráis a esos hombrecitos que enloquecen de
andrajos al final de sus años?
Demonios de los cristales, con la baba celeste de la de-
mencia en el cerebro.
Kleist, Hölderlin, sentáos mis amigos al borde del color
de verano sonriente de mi cama en mi habitación de
luz color de ojos de can colérico al borde del pantano.
Mi habitación con el perfume de la luz.

EL NUEVO TESTAMENTO

Graciosa mía, tiernísima apostada contra el verano sordo,
ofrécame en tu pecho un bello hilo de fuego para grabar
mi historia sagrada.

Raul Gustavo Aguirre

AMIGOS

Este es un humo
que se comparte
hasta que llega el alba
caballo verde.

EN MEDIO DE LA LLUVIA

En medio de la lluvia
ella cantaba
y a través de su cuerpo
se veía un árbol
letrero luminoso.

AQUI

Por qué me dejaron
sobre esta tierra
donde cae una tenue desesperada lluvia
que no cesa jamás
que nadie advierte
de la que hablar me está prohibido
por más que duela
oh mentira mentira
bello sol de los otros.

PAUL ELUARD

ellos no ven la ausencia del aire son sutiles
están acostumbrados a la sombra
a la silla del otro

pero están cansados
de tanta perfección
poesía viejo volcán
líbralos de sus nombres
líbralos de sus redes
líbralos de sus números
haz que se sienten en el mundo.

Osmar Luis Bondoni

TIEMPO DIFUSO

Ella ordenaba un círculo en el alba,
me enseñaba las horas

y para el sueño corría las cortinas del día.
Su recuerdo consigue algún silencio
pero los brazos se me cierran tanto

Esto ocurre de noche:
a veces no distingo mutaciones;
pero los brazos se me cierran tanto
que todo se deshace.

MIENTE SEPTIEMBRE

Con el gesto de tu despedida
propusiste el invierno.
El paisaje se mantuvo valientemente grávido
y ahora las garras del perfume te rehacen
y hacia mi te proyectan sobre el parto innumerable.

Pero yo no confío
porque dentro de este ámbito que se olvida del musgo,
de las suelas lentamente gastadas con resignación,
del agua bajo los puentes,
tu piel no puede detenerme.

Hay que postergar los labios,
hay que guardar todavía las manos:
no se puede confiar en el perfume.

JUBILO

Desembarco en lo que me propones:
un intento de tus ojos,
un silencio propicio,
el abismo entreabierto sobre los dientes.

Repatriado a tus dominios de juguetería
me dejo estar jubilosamente
sosteniendo el momento.

La soledad acepta su derrota
porque se han conjugado nuestra brújulas.

Francisco Urondo

JUAN DE GARAY

Tu grito de horror. No veré más el ritmo de mis pequeños amores. Ahora la aventura, el naufragio lento de los recuerdos.

Su rostro es, pero qué rumbo habrá: bogando suave por por el mar Amarillo o sangre adentro.

El Adelantado parte, huye en busca de su salvación y exhorta para no dar un paso atrás en su conquista. Vengan, indios milagrosos.

EL OCASO DE LOS DIOS

No hay nadie en la calle, en los ruidos húmedos, en el vuelo de las hojas; sólo mis pasos quieren reiniciar las maderas y la adolescencia.

Pero todo está abandonado, no hay nada que nos favorezca, ninguém aire de inconciencia, ningún reino de libertad; sólo hábitos tolerantes haciendo cruzir nuestra memoria. Ha estado bien, decimos.

Dueños del incendio, de la bondad, del crepúsculo, de nuestro hacer, de nuestra música, del único amor probable — el breve, el incoherente; soberanos de esa calle donde los tactos y la imprecisión hicieron su universo.

Las sombras acarician aun sus veredas, tu mismo nombre y tu gesto son una forma nocturna que en esa constelación crece y sabe enrostrar nuestra culpa.

Y todo termina con una esperanza, con una dilación: "ha estado bien", o en un bostezo, o en otro lugar donde es menester el coraje.

LA HORMICA

La hormiga pasea alrededor de la gorda naranja. La naranja es dorada, jugosa, amarga, correntina, y el camino infinito.

Ella podría penetrar el fruto absolutamente, terminar con su marcha empecinada, eludir el hastío, lograr el poder; pero, teme terminar con su imaginación.

LA JOVEN ASESINA

Rodolfo Alonso

Cernías en medio de tu frente las verdades forjadas por los otros,
las grandes palabras devoradoras del riesgo y el temblor.

Tu presencia obligó al mundo a tomar nuestra medida, al viento a
planear dulcemente sobre tu asombro.

Hasta estallar, hasta que de toda nuestra firme juventud sólo quedó
un gesto de sorpresa.

No hay consuelo para aquel que de improviso es apostado frente a
su propia espalda.

No hay agua para sus maravillas ni tensión para su orgullo.

No hay tierras para él.

Dónde devolveré el resplandor con que marcaste mi aparición sobre
la tierra,

dónde abandonaré esta llave temible y luminosa cuyo único poder
consiste en conservarse siempre tuya a lo largo del tiempo.

Tú mantenías la mirada firme en una sola dirección.

No sólo los claros años, los árboles, el aire; también la fresca seguridad
de tu piel, las mareas invencibles de tu risa.

He jugado.

He perdido la flor de la aventura cuando creía cabalgar a su
encuentro,

Escucha, en la alta noche, los aullidos del solitario. El ronda las
huellas recientes de tus pasos que aun gimen en la arena; él se
ajusta a tu recuerdo, bebe el hálito acre que has dejado vibrando
en cada sitio, en cada gesto, en cada interminable noche.

Esta es la vida que admirabas.

Esta es la torre, el mar, la furia del paisaje; los abrazos violentos
y obstinados, las dulces consecuencias.

Esta es la gran herida que va sorbiendo al mundo.

Duerme tranquila.

Esa sombra que en las noches te cubre y te acaricia es tu imaginación.

O CARRO NOVO

Marcos Farias

Viagesinha puchada, ih. Prá mim que sou véia — resmungou uma mulher magra, velha e encarquilhada, ao tempo em que se ajeitava no primeiro banco do ônibus.

— Que é que há Da. Onória? — indagou o motorista, sorrindo e voltando-se para a mulher.

— Nada, nada. Eu que sou véia, ai — suspirou longamente e encolheu-se no banco. A seu lado sentou-se uma moça, também magra e de rosto alongado como ôvo; cabelos corridos, feia. Sorriu molemente e cumprimentou, ao sentar-se.

Os demais passageiros foram entrando e se aboletando. O ônibus quase lotou, sobrando apenas dois lugares, no último banco. E isto porque era sábado, dia de menos movimento. Nos outros dias, em geral, não resta lugar nem em pé.

Os passageiros se acomodaram. Mais homens que mulheres. Estas, em geral, magras e feias. Os homens vermelhos, pele encardida, pescadores na maioria.

— Pronto? — indagou o motorista ao condutor, que conversava com um passageiro.

— Pronto — responde o condutor

— Viagesinha puchada, ih, geme novamente a velha, fixando a moça de rosto alongado, que sorri mole e desajeitada.

— Vai dar um passeiozinho, Da. Onória? — pergunta um sujeito, sentado à direita, esticando o pescoço na direção da mulher.

— Quali passeio, quali nada seu Antônio. Já viu véia dá passeio? Vô mais é prô Departamenti tomá injeção. Ai.

A velha gemeu. Antônio sorriu. Outros sorriram. O motorista movimentou o carro. Antônio olhou pela janela e abandonou para o espôsa, que observava, encostada na porta do armazém, de propriedade dêle.

Eram seis horas de uma manhã ensolarada e agradável. O ônibus partia do Largo de Cachoeira; o ponto era exatamente defronte ao armazém de Antônio. O carro partiu. A mulher ficou olhando, encostada à porta, até vê-lo desaparecer.

Um velho ônibus maltratado pelo tempo e pelas estradas. De ambos os lados do veículo, podia-se ler: "EXPRESSO CANASVIEIRA S/A". Ao correr sacolejava as peças e molas, num barulho monótono e grotesco. Não se pode falar em correr, porque a velocidade jamais ultrapassava os 25 quilômetros horários. A poeira subia. Os passageiros saltavam nos bancos, particularmente os que sentaram mais para trás. Quase todos irritados. O carro não valia mais nada, e a cia. teima-

va em conservá-lo na linha. Eram obrigados a aguentar. Aguentavam mas com revolta latente. Inconformados.

— Eta mundo, pula mais que cabrito — rezinga um velho.

— Mais vale andá-se a pé — retruca um sujeito de camisa de algodão ordinário, mangas custas e chapéu de palha.

— Nem sei como isso ainda corre! É mais véio que mi'a vó.

— Que corre o quê? O que é que corre? Então isso é correrê? — grita o sujeito de camisa de algodão ordinário, meio aperreado.

— Guenta a mão, Januário — replica o motorista, rindo. O sujeito resmunga, aborrecido e não responde.

— Merda.

E o ônibus prossegue sacolejando, enquanto o sol se levanta, impregnando de luz intensa os campos e estradas.

Antônio arca-se, apoiando os cotovelos sôbre os joelhos, e dirige-se ao motorista:

— Diazinho bonito, hein Galego?

— É. Se não fôsse a poeira...

Antônio pigarreia e acomoda-se melhor;

— Galego, tu conhece a Noquinha, hein Galego? Aquela uma que mora lá pro lado dos Ingleses, na ladeirinha...

— Noquinha?

— É, mãe da Gertrudes, que casou o mês passado, com o Mané Lino.

— Sei, sei.

— Conhece uma vaca que la tem, uma vaca nova?

— Uma que pariu agora?

— Isso. Pariu uma terneira. Tu sabe se aquela vaquinha é boa, se é leiteira?

— Não sei dizer, Antônio. Não sei não.

— Estou interessado sabe. Dis-que ela quer vender a vaquinha, se fôr boa eu fico, sabe como é?

— Hum-hum. Não sei não. Se soubesse... Em todo caso, pariu uma fêmea.

— Pois é. Bem dizer duas vacas, não é mesmo? Mi'a mulher é que não faz gôsto. Mas se fôr boa... Eu gosto duma vaquinha, ih se gosto! Só o leite de manhã! É um almôço, hein Galego?

— Hum-hum.

— Eu 'stou com vontade de ficar co'aquela vaquinha 'stou com munta vontade. Se não fôsse a mulher, já tinha comprado. Trabalho não dá, que a gente pode deixar sôta aí no pasto, não pode?

— Hum-hum.

— A mulher é que não tá querendo. Coisa de mulher, sabe. Mas qualquer dia eu apareço co'a vaquinha. É vantagem. O leite que sobra a gente pode vender prá leiteria. São dois, três litros por dia. Sempre é um dinheirinho que entra, não é Galego? O que é que tu acha Galego?

— Hum-hum.

— 'stou com vontade, sabe...

Pigarreou, ajeitou-se no banco, notando o desinterêsse de Galego. Quedou-se a meditar nas vantagens da compra, buscando convencer-se.

— Se não fôsse a mulher...

O ônibus continua estrada a fora. Gemendo ao subir as ladeiras, resfolegando e levantando poeira, que penetra pelas janelas, esbranquiçando cabelo e roupa do pessoal. Résteas de sol infiltram-se, cobrindo o interior do carro, com tons brilhantes e fortes; encalorando o ambiente.

Três pessoas à margem da estrada, fazem sinal. O ônibus pára. Entram. Um casal de velhos e um moço. Os velhos sentam-se no último banco. O moço permanece em pé, encostado a outro banco, próximo aos velhos. Aliás não é tão moço assim, deve andar pelos trinta anos. Magro, amarelo, barba rala, rosto comprido. Veste uma calça d brim clara, um paçotô de casimira preto, um chapéu de feltro, desabado e gasto.

— Eu mais Argemiro vamo segunda. O resto não sei — diz, como quem continua uma conversa interrompida.

— Pro Argemiro vai ser bom, coitado. Vivia tão mali, não é Agenor? — replica a velha.

— É, êle não tem tido sorte. E olhe que eu ajudei. Lá na venda, 'stá devendo prá mais de duzentos...

O homem magro de chapéu de feltro passa a mão pela testa, antes de falar:

— Êle me disse. Mais não pode fazê nada. Tem dia que êle não tira nem prá comida. Vamo vê se no Rio Grande êle se arruma. Se não fôr tanso se arruma. A vida lá anda boa.

— Não vou muito nessa história não — diz o velho Agenor — o Argemiro tá certo, não tem nada mesmo. Mas tú? Vnder a rede, vender tudo, prá se aventurar... não sei não.

— Não é aventura, não, seu Agenor. Eu tô sabendo como é — acaricia o queixo e toma um ar intelignte — hoje em dia o que dá dinheiro é comércio, o sujeito sabendo negociar tá feito. Dispos eu já conheço aquilo lá (acaricia o queixo novamente) conheço aquilo tudo. Quando vier de lá vou trazer muita coisa, prá explorar no comércio aqui. Não vou só confiado na pescaria não. Tem coisa que tem aqui e não tem lá. Tem coisa que tem lá, e não tem aqui. (Friza as palavras com gestos, as mãos expressivas e longas.) O sujeito sabendo ne-

gociar... (corre os olhos pelos passageiros próximos, interrogativamente). O sujeito sabendo negociar, não se aperta. Que vê? Essas renda que as mulher vende aí na rua, isso não tem lá. Eu vou explorar essas renda. Pedra de isqueiro, dessas grande, que nós temo aquí, lá tem mas é pequenininha, e muito mais caro. Vou explorar também. Eu vou bem preparado, vou levá tudo que pudé. Na volta, trago coisa de lá pra explorar aquí. Pelego é uma coisa que eu vou negociar. Aquí não tem uma casa que venda pelego, tem? Eu vou explorar isso. Trago de lá daquêles pelego grande, bom. Casa de montaria é outra coisa que não tem aqui. Não tem. Uma casa onde o sujeito chegue com o cavalo limpo e sáia de lá preparadinho, não tem. (e o homem magro de chapéu de feltro, gesticulava e percorria os passageiros com o olhar, como em busca de apoio, que aliás conseguia). No Rio Grande, eu vi um cavalo todo encilhado, na vitrina duma venda. Quando vi, até me assustei. Dispois fiquei olhando. O cavalo era de madeira, de certo. Mas bem feito, parecia até um cavalo de verdade. É preparadinho. Fiquei olhando. E pensando, lá êles nunca viram disso, e talvez nuca vão ver. (O homem magro sorriu). Tem coisa que tem lá, e aquí não tem. O sujeito sabendo negociar... (o homem magro acaricia o queixo ainda uma vez). Hoje em dia, co'essa carestia de vida que anda aí, só no comércio. Todo mundo passa mali, menos o comércio. O negociante se queixa, mas é de fiteiro que é. Vai vê, é fita. O comércio nunca passa mali. Aumenta os impôsto? Quem vê, pensa que o comerciante vai pagá, mas não é não. Quem paga é o comprador. O comerciante ganha mais ainda. (O homem fala sorrindo irônicamente). Se aumenta trinta cruzeiros no impôsto, o comerciante aumenta o preço do produto, e não aumenta só trinta não, aumenta logo prá quarenta. Quer dizer, já sai ganhando dez. Dispois mali se ouve falá do aumento de selagem, já o comerciante tranca o estoque e fazi a remarca. Só nessa já tira o impôsto de um ano. Então não 'stou sabendo? (e o homem magro faz um gesto esperto, interrogativo). Mas não é mesmo seu Agenor?

— Não é bem assim, o comerciante também tem suas dificuldades. Não é bem assim.

— Ora então não 'stou sabendo. É claro que tem dificuldade, todo mundo tem. Mas não é a mesma coisa. O comerciante sempre se arranja. Sempre. Sabendo negociar. Hoje em dia é só o que dá dinheiro. Não tem. Eu? Eu vou me dedicar. O senhor vai ver. Quando voltar do Rio Grande....

E enquanto o homem magro de chapéu de feltro continuava a falar, o "Expresso Canasvieira" entrava em Santo Antô-

nio, e se dirigia para a garagem, onde haveria uma parada de dez minutos para verificação, lubrificação, etc.

Na garagem viam-se dois ônibus novinhos em folha. A companhia porém, não os colocava na linha, enquanto não obtivesse permissão para aumentar as passagens. Já era coisa sabida de todos. Mesmo assim, de cada vez que o carro parava aí, os passageiros botavam-se a reclamar e exigir os ônibus novos. O motorista desconversava rindo e pilheriando, e, não deixava de falar no aumento. E mal falava uma onda de protestos se levantava. Ele não ligava nem prestava atenção ao que diziam, falava mesmo para se divertir, vendo-os irritados.

Terminada a verificação o motorista buzina uma, duas vezes, chamando algum passageiro retardatário, consulta o condutor e põe o veículo em marcha.

— Viagesinha puchada, ih, resmungo Da. Onória.

O motorista acelera. Uma nuvem de poeira sobe e penetra pelas janelas. O velho carro segue pinoteando, aos solavancos, saracoteando os passageiros, que se tinham que firmar nos bancos para não baterem com a cabeça no teto.

— Viagesinha puchada, ih, repete Da. Onória, encolhendose e lançando um olhar de canto, para a moça de rosto alongado, que sorri desajeitada.

Nem bem percorreram dois quilômetros e um estampido, seguido de um chiado, anunciava o estouro de um pneu. O carro parou. E um alarido se erguia de entre os passageiros:

— Ora, veja... foi o pau...

— Mais essa!... não faltava mais nada!...

— Já se viu!... Porcaria!...

— Como é Galego? — indaga um rapaz, espichando a cabeça fora da janela.

— É o pneu. É melhor irem saindo.

Não havia um pneu sobresalente, e o condutor teria de ir buscar na garagem. Os passageiros foram saltando e formando grupinhos, reclamando e praguejando:

— Joça do inferno!...

— Só faltava isso... Só faltava...

Alguns se aproximavam, observando as operações do motorista, que se empenhava em retirar o pneu estragado.

— Ai-ai viage triste — azucrinava Da. Onória — pobre de mim.

Mais de uma hora, estiveram alí parados, até que, tudo pronto, pudessem seguir viagem. Em marcha de novo. Ainda não haviam corrido três quilômetros, e um novo estalido, desta vez mais sêco, e logo um barulho a modos de um matraquear, no motor, obrigou o motorista a encostar o carro na estrada, a fim de verificar.

gociar... (corre os olhos pelos passageiros próximos, interrogativamente). O sujeito sabendo negociar, não se aperta. Que vê? Essas renda que as mulher vende aí na rua, isso não tem lá. Eu vou explorar essas renda. Pedra de isqueiro, des-sas grande, que nós temo aqui, lá tem mas é pequeninha, e muito mais caro. Vou explorar também. Eu vou bem preparado, vou levá tudo que pudé. Na volta, trago coisa de lá pra explorar aqui. Pelego é uma coisa que eu vou negociar. Aqui não tem uma casa que venda pelego, tem? Eu vou explorar isso. Trago de lá daquêles pelego grande, bom. Casa de montaria é outra coisa que não tem aqui. Não tem. Uma casa onde o sujeito chegue com o cavalo limpo e sáia de lá preparadinho, não tem. (e o homem magro de chapéu de feltro, gesticulava e percorria os passageiros com o olhar, como em busca de apoio, que aliás conseguia). No Rio Grande, eu vi um cavalo todo encilhado, na vitrina duma venda. Quando vi, até me assustei. Dispois fiquei olhando. O cavalo era de madeira, de certo. Mas bem feito, parecia até um cavalo de verdade. É preparadinho. Fiquei olhando. E pensando, lá êles nunca viram disso, e talvez nuca vão ver. (O homem magro sorriu). Tem coisa que tem lá, e aqui não tem. O sujeito sabendo negociar... (o homem magro acaricia o queixo ainda uma vez). Hoje em dia, co'essa carestia de vida que anda aí, só no comércio. Todo mundo passa mali, menos o comércio. O negociante se queixa, mas é de fiteiro que é. Vai vê, é fita. O comércio nunca passa mali. Aumenta os impôsto? Quem vê, pensa que o comerciante vai pagá, mas não é não. Quem paga é o comprador. O comerciante ganha mais ainda. (O homem fala sorrindo irônicamente). Se aumenta trinta cruzeiros no impôsto, o comerciante aumenta o preço do produto, e não aumenta só trinta nãc, aumenta logo prá quarenta. Quer dizer, já sai ganhando dez. Dispois mali se ouve falá do aumento de selagem, já o comerciante tranca o estoque e fazi a remarca. Só nessa já tira o impôsto de um ano. Então não 'stou sabendo? (e o homem magro faz um gesto esperto, interrogativo). Mas não é mesmo seu Agenor?

— Não é bem assim, o comerciante também tem suas dificuldades. Não é bem assim.

— Ora, então não 'stou sabendo. É claro que tem dificuldade, todo mundo tem. Mas não é a mesma coisa. O comerciante sempre se arranja. Sempre. Sabendo negociar. Hoje em dia é só o que dá dinheiro. Não tem. Eu? Eu vou me dedicar. O senhor vai ver. Quando voltar do Rio Grande....

E enquanto o homem magro de chapéu de feltro continuava a falar, o "Expresso Canasvieira" entrava em Santo Antô-

nio, e se dirigia para a garagem, onde haveria uma parada de dez minutos para verificação, lubrificação, etc.

Na garagem viam-se dois ônibus novinhos em folha. A companhia porém, não os colocava na linha, enquanto não obtivesse permissão para aumentar as passagens. Já era coisa sabida de todos. Mesmo assim, de cada vez que o carro parava aí, os passageiros botavam-se a reclamar e exigir os ônibus novos. O motorista desconversava rindo e pilheriando, e, não deixava de falar no aumento. E mal falava uma onda de protestos se levantava. Ele não ligava nem prestava atenção ao que diziam, falava mesmo para se divertir, vendo-os irritados.

Terminada a verificação o motorista buzina uma, duas vezes, chamando algum passageiro retardatário, consulta o condutor e põe o veículo em marcha.

— Viagesinha puchada, ih, resmungo Da. Onória.

O motorista acelera. Uma nuvem de poeira sobe e penetra pelas janelas. O velho carro segue pinoteando, aos solavancos, saracoteando os passageiros, que se tinham que firmar nos bancos para não baterem com a cabeça no teto.

— Viagesinha puchada, ih, repete Da. Onória, encolhendo-se e lançando um olhar de canto, para a moça de rosto alongado, que sorri desajeitada.

Nem bem percorreram dois quilômetros e um estampido, seguido de um chiado, anunciava o estouro de um pneu. O carro parou. E um alarido se erguia de entre os passageiros:

— Ora, veja... foi o pau...

— Mais essa!... não faltava mais nada!...

— Já se viu!... Porcaria!...

— Como é Galego? — indaga um rapaz, espichando a cabeça fora da janela.

— É o pneu. É melhor irem saindo.

Não havia um pneu sobresalente, e o condutor teria de ir buscar na garagem. Os passageiros foram saltando e formando grupinhos, reclamando e praguejando:

— Joça do inferno!...

— Só faltava isso... Só faltava...

Alguns se aproximavam, observando as operações do motorista, que se empenhava em retirar o pneu estragado.

— Ai-ai viaje triste — azucrinava Da. Onória — pobre de mim.

Mais de uma hora, estiveram alí parados, até que, tudo pronto, pudessem seguir viagem. Em marcha de novo. Ainda não haviam corrido três quilômetros, e um novo estalido, desta vez mais seco, e logo um barulho a modos de um matraquear, no motor, obrigou o motorista a encostar o carro na estrada, a fim de verificar.

A confusão foi maior. Os passageiros abespinhados.

— De novo! Outra vez...

— Já se viu!

— Absurdo!...

O motorista já abrira o motor e observava, enquanto o condutor punha-o em movimento. O motor gemia e estrebuchava. Se consultavam e repetiam a operação, vezes sem conta. Fisionomias contrafeitas. Em desânimo crescente. Os passageiros impacientes, atucanados. E os dois homens repetindo os esforços, buscando solução. O motor gemia e estrebuchava. Tentavam ainda. Nada. Repetiam. Em vão. Por fim desistiram, estafados.

— É, não adianta. Não dá não — falou o motorista descoroçoado.

As perguntas choveram. Parece que todos aguardavam aquêlo momento, e foi um falar geral, ao mesmo tempo. Um escarcéu.

— Como é?... Então Galego?

— Qué que houve?

— Vai ou não vai?... Desembuche!

Galego apoiado na porta do carro, falou, limpando o suor da testa, sem ânimo.

— É, não dá não. Quebrou uma peça. Só na oficina. O recurso é a gente esperar o ônibus de Santo Antônio...

Nem deixaram que terminasse, ânimos exaltados, o vazeiro se levantou, de endoidecer.

— O que?... Não dá?

— O que é que não dá?... Como é que não?...

— Então vai se ficá na estrada?

— Isso tem jeito...

E já iam saltando, tumultuadamente, aos empurrões, e agrupando em frente ao carro e ao motorista. As mulheres, a princípio paralisadas, sem compreender muito bem o que acontecera, logo se puzeram ao lado dos homens, avolumando o alarido e falatório. Um fim de mundo de reclamações e praguejamentos. O motorista aturdido, sem saber o que responder, nem a quem atender.

— Então isso tem jeito!

— Porcaria!... Joça!

— Vai se querê que se vá de a pé? Vai-se querê?!

— Tem que dá um jeito Galego, tem que dá um jeito.

— Ninguém fica aqui não!... Isso é que não!...

— Joça!

— Calma, calma — tentava apaziguar o velho Agenor.

— Que calma, que nada!... Já se viu?

— Então vai se ficá de a pé?!

— Ninguém pagou prá ficá na estrada — ergueu-se a voz do homem magro de chapéu de feltro.

— Bota no carro novo!... O carro novo!

— O carro novo!... O carro novo! — Todos repetiam a uma boca só.

Antônio se aproximou do motorista, e foi dizendo, na sua fala mansa:

— É Galego, é meliori botá o carrinho novo. O pessoal tá tá queimado, Galego.

— Não posso. A companhia não quer. Não posso não. O recurso...

— Não pode o quê? ... O quê que não pode? — interrompem-no exaltadamente.

— Por que é que botam essa porcaria na linha? ... Isso só serve pro lixo! ... O carro novo!

— O carro novo! ... O carro novo!...

— Não posso. Não é meu. Tenho lá culpa dessa droga tê arrebetado. Por mim já tinha encostado isso. Mas não é meu. O quê que eu vou fazê?

— Mas ninguém pode ficá na estrada, Galego — diz Antônio, macio e conciliador.

— Ninguém fica na estrada não!

— A gente pagou foi prá viajá!... Porcaria!

— Já se viu!...

— É meliori a gente quebrá logo isso, prá meterem no lixo duma vezi!! — grita o sujeito de camisa de algodão ordinário, mangas curtas e chapéu de palha, que parece o mais exaltado do grupo. E dizendo isso avança para o veículo, aos berros:

— Vamo derrubá essa porcaria!! Vamo!!!

— Vam'bora!... Vam'bora!

— Calma, calma — tenta apaziguar o velho Agenor.

— Vam'bora!... Vam'bora!... — continua o sujeito da camisa de algodão ordinário, firme.

— Vam'bora!... Vam'bora!...

E foi um zás. A princípio alguns hesitaram, titubearam, mas ante a energia e resolução dos demais, em pouco, homens e mulheres, inclusive o velho Agenor, achavam-se empurrando o ônibus, barranco a baixo, entre pragas e resmungos. Da Onória se lamuriava, sem compreender muito bem, aquela agitação toda:

— Ai meu Deus, meu Deus!

Motorista e condutor, observavam atônitos, sem ação e sem idéias, enquanto o carro tombava barranco abaixo.

Todos, parece que se sentiram mais felizes e aliviados, após o feito.

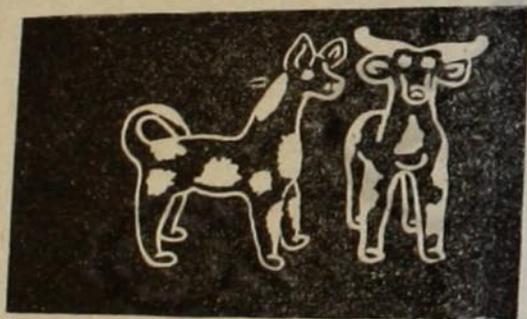
E, no mesmo tempo, em que Antônio, conciliadoramente, tentava convencer o motorista, a ir buscar o ônibus novo, o sujeito da camisa de algodão ordinário comandava o restante do grupo, em altas vozes:

— Vamo prá garage, pessoal? Ou sai o carro novo, ou a gente quebra aquilo tudo! Vamo pessoali?!

— Vam'bora!... Vam'bora!

E o sujeito de camisa de algodão ordinário se pôs à frente da turma, que o seguiu, resolutamente. Condutor e motorista não tiveram outra saída, senão segui-los também. E lá se foi aquêlê estranho grupo, unidos, estrada a fora, passos largos, acotovelando-se, levantando poeira pelo caminho. Atrás seguia Da. Onória, apoiando-se ao braço da moça de rosto alongado, que sorria tímida, aos resmundos da velha!

— Viagesinha puchada,, ai meu Deus, meu Deus!



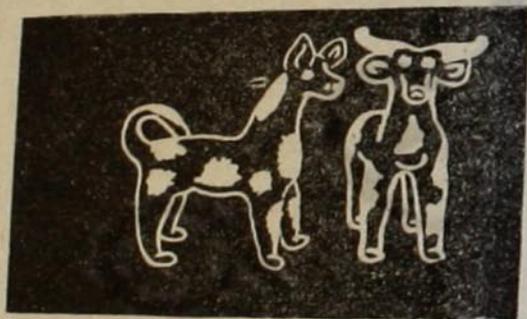
E, no mesmo tempo, em que Antônio, conciliadoramente, tentava convencer o motorista, a ir buscar o ônibus novo, o sujeito da camisa de algodão ordinário comandava o restante do grupo, em altas vozes:

— Vamo prá garage, pessoal? Ou sai o carro novo, ou a gente quebra aquilo tudo! Vamo pessoali?!

— Vam'bora!... Vam'bora!

E o sujeito de camisa de algodão ordinário se pôs à frente da turma, que o seguiu, resolutamente. Condutor e motorista não tiveram outra saída, senão segui-los também. E lá se foi aquêle estranho grupo, unidos, estrada a fora, passos largos, acotovelando-se, levantando poeira pelo caminho. Atrás seguia Da. Onória, apoiando-se ao braço da moça de rosto alongado, que sorria tímida, aos resmundos da velha!

— Viagesinha puchada,, ai meu Deus, meu Deus!



"L A R A Y A"

Lopes Salinas

El grupo de hombres está descendiendo por la ladera hacia la trocha que se divisa a lo hondo y que va sorteando la aspera monotonía del paisaje. El sol va huyendo por las lomas de enfrente incendiando los últimos pinos.

La tierra, imutable, va olvidando uno a uno el eco de cada pisada y se queda sola en su antiguo diálogo con el tiempo.

Han llegado a la trocha, está oscureciendo, los últimos pájaros dan su tamaño al aire y el frío se va apoderando de todo.

El agua, que ha nacido hace poco en el ventisquero cercano, tiene cualidades de cristal, cuando el hombre que va el segundo en la fila hunde en ella su cara para beber. Bebe, y el agua que nace después, hierve y refleja su rostro angustiado.

Se incorpora jadeando, se seca la cara y la boca con la mano derecha, después se apoya en Pedro que viene detrás y se ha detenido junto a su compañero.

— Arbizu, espere un momento...

El hombre que va el primero se para, mira hacia atrás y se sienta en una piedra, deja el bastón en el suelo, se quita los guantes y lía un cigarro. Después, con la mecha puesta encima del pedernal, golpea rítmicamente en la piedra con un trozo de hierro, sopla y las chispas queman la mecha, enciende y aspira con ansia, mordiendo el humo para luego escupirlo a la noche. Es Pascual Arbizu, guía unas veces y contrabandista las más.

Pedro mira a los ojos de su compañero, llenos hoy, ahora, de desaliento físico, esboza una sonrisa y abandona su mano derecha en el hombro de Luis.

— Antes de que amanezca, estaremos en Francia. Toma, ponte mis botas.

Suavemente le ayuda a sentarse, despacio le va aflojando los cordones, le saca el calzado roto por el caminar, y los calcetines. Le da fricciones en los pies desnudos que están llenos de heridas frías. Después, se quita sus botas, se las pone a su amigo y, lentamente, le ata los cordones. A continuación se pone las que acaba de quitar a su compañero, saca la cantimplora que pende de su cinturón y la acerca a la boca de Luis. Este la coge con las dos manos y bebe.

— No bebas mucho... Es coñac y te puede hacer daño.

Pedro saca una cajetilla de tabaco de hebra, enciende un cigarro y se lo pone en la boca a Luis. El enciende otro.

— No te preocupes muchacho, Arbizu es un buen guía; llegaremos pronto.

Pascual Arbizu se ha levantado, se acerca a los dos hombres y les dice:

— Que tal va eso?. No se preocupen, no será nada, es que hace mucho frío. Debemos continuar porque no sería bueno para él, que nos pillara la nevada que va a caer antes de llegar a la choza de ese pastor de que les hablé. Está cerca de la raya... Podrá dormir un rato.

Continúan andando. La única preocupación de Luis es andar. Pone en ello todas sus energías, vacía el cerebro de ideas para que éste solo tenga una: andar hasta la casa del pastor.

El horizonte se cierra delante de ellos; allá, al fondo, donde las estrellas están por debajo de sus ojos, entre dos picos que juntan sus cimas tanto que parece quieren darse un beso imposible.

La montaña se va desnudando ante la mirada sin curiosidad de los tres hombres. De vez en cuando, algún árbol, restando a lo allí por sí mismo creado, horada la piedra buscando con ansia a la tierra. No hay más que helechos y piedras rodadas.

De pronto, el paisaje se desploma y el sendero se torna incierto hasta transformarse en camino de cabras.

Van descendiendo a trompicones, arrastrando los pies para no caerse.

Pascual Arbizu se vuelve:

— Ya estamos llegando a la cabaña, Tomaremos algo caliente y descansaremos hasta el amanecer. Albendea es un buen amigo; hemos hecho la guerra y algunos negocios juntos.

La nieve empezó a caer lentamente. Gruesos copos silenciosos iban cubriendo la tierra que, ya totalmente desnuda, fué amorosamente sorprendida.

Pedro pensó durante un momento que en la retirada de Teruel no había sentido tanto frío. Aquello tuvo un carácter distinto, miles de hombres caminaban erguidos, llevando el fusil cargado al hombro. Fundían la nieve con sus pasos hasta llegar a las nuevas trincheras, no estaban vencidos. Recordó, sin saber porqué, aquella canción de la guerra:

Por el río Nervión
bajaba una gabarra,
rumba, la rumba. la rumba,
la rumba del cañon...

Arbizu, un poco antes de llegar a la choza, advirtió a los dos hombres:

— Yo me acercaré primero. Estamos cerca de la raya y puede que Albendea tenga visita, aunque no creo. Si está solo,

vendré enseguida a buscarles, si no es así, procuraré hacerles alguna seña.

La figura de Arbizu se fué perdiendo, cada vez más pequeña y blanca, de la mirada de los dos hombres.

De la chimenea de la cabaña salía humo.

Volvió enseguida a buscarles. Entraron, en la única habitación de la cabaña: él fuego gritaba su calor a un puchero humeante. El único mobiliario lo constituía una mesa y tres taburetes. De la pared y colgadas de un clavo, estaban una sartén y unas alforjas. En un rincón, extendidas en el suelo, un montón de pieles de cordero sin curtir formaban una especie de lecho.

El hombre que estaba dentro, sentado tras la mesa, miró a la cara de los recién llegados.

— Mala noche, amigos. Sientense. Les prepararé algo de comer. No se preocupen, no teman nada, pueden descansar tranquilos. Hoy en la sierra no merodean mas que los lobos y os hombres que cruzan la raya.

Luis se sentó en un taburete. Estaba tiritando y no lograba dominar sus manos que, rebeldes y ajenas a él, temblaban convulsivamente.

Pedro dirigió la palabra al pastor para preguntale:

— Dónde se puede echar?. Viene enfermo.

El hombre se quitó la pipa de la boca y señalando con ella el rincón donde estaban las pieles, dijo:

— Que se eche ahí. No tendrá frío, las pieles dan mucho calor. Les voy a preparar unas sopas. Así templarán el cuerpo.

Entre Arbizu y Pedro le acostaron. Pedro se quedó sentado en el suelo al lado de su amigo, mientras el guía y el pastor iban cortando y echando al puchero gruesas sopas de un pan que Albendea sacó de las alforjas.

Empezaron a hablar complacidos de volver a verse:

— ¡Ay "ené" y que buenas las hemos pasado...!

El contrabando para estos hombres era una especie de juego en el cual enfrentaban toda su capacidad de vida, poniendo a punto y en tensión todos sus sentidos, con cualquier contingencia de camino.

Cuando las sopas estuvieron cocidas, Albendea dijo a Pascual:

— Ainda, di a esos hombres que se acerquen a comer.

Solo se acercó Pedro. Luis no oía más que su respiración entrecortada, la fiebre estaba calentando su rostro.

Se sentaron alrededor de la mesa. Solo comieron Pedro y Arbizu. El pastor sacó una bota llena de vino y antes de ofrecerla bebió un largo trago.

Comían metiendo las cucharas de palo en el puchero colocado entre ambos; de vez en cuando se paraban para beber vinho. Cuando terminaron, Arbizu dijo a Pedró:

— Acuéstese con su amigo. Mañana también les espera una buena. Yo he nacido andando y a los pechos blancos de la sierra. No estoy cansado.

A las seis de la mañana, Pascual les despertó. Había cesado de nevar y el nuevo día estaba destiñendo a la noche.

Pedro habló por los dos:

— Gracias por ayudarnos, amigo:

— No las merece. Quien viene con Pascual es bien recibido. Lo que hace falta es que llegen con bien al otro lado.

Se estrecharon las manos. Arbizu y Albendea se dijeron hasta luego.

Le llevaban cogido por debajo de los brazos. La marcha se hizo lenta, premiosa. Tardaron mucho hasta oír la voz de Pascual:

— Miren, aquella piedra es el mojón de la frontera.

Luis abrió los ojos y miró hacia aquella piedra de esperanza. Habló:

— Sabes, Pedro...? Sé que voy a morir, pero ya no me importa, ya no tengo miedo, ni frío. Solo quiero que me dejes en este lado.

Pedro, dejando a su compañero en el suelo, llora:

— Ahora no me dejes, amigo; ahora no. Arbizu, Arbizu.

Pascual Arbizu ha visto morir a muchos hombres, siente que la saliva se le va haciendo gruesa y que no la puede tragar. Mira a los dos amigos y no dice nada.

Es la séptima vez que se cae. De nuevo le levantan:

— ¡Animo, amigo!. Hay un pueblo francés muy cerca. Allí vive un médico; en cuanto crucemos, me adelantaré a buscarlo.

En la nieve, la huella de las pisadas se va haciendo cada vez más profunda, como si ella y la tierra que está debajo, como vírgenes excitadas reclamaran un cuerpo.

El hito de la frontera es una piedra prismática. Allí se detienen a instancias de Luis que pide que le pongan de espaldas contra él.

Luis se sentía desfallecer, se le iba nublando la vista. Floración una sonrisa en su boca, olvidó el presente, solo un recuerdo antiguo estaba en él. Murió cuando en su pensamiento solo tenía veinte años.

Pedro, con las manos de Luis entre las suyas, se quedó un largo tiempo mirando fijamente aquella cabeza de cara serena. Pensó que su amigo, que el hombre es solo una memoria aún oscura o acaso una circunstancia olvidada, también en que, quinzás, antes de que los hombres hollaran esta montaña,

ella habría disputado su supremacía actual a todos los elementos.

Se irguió y contempló aquel valle y aquellos picos que entraban hiriendo a España, esa tierra donde un hombre muere y otros, con el pico y la azada, se adueñan de ella como amantes celosos de un cuerpo ya fecundado.

Eran las ocho de la mañana cuando Pedro Salinas y Pascual Arbizu, el guía, cruzaban la frontera.



Cabeça de Cristo — desenho de Moacir Fernandes de Figueiredo

SANTA ROSA

Com o falecimento de Tomás Santa Rosa Júnior, perde a pintura do Brasil uma das suas figuras mais representativas. Mas não só a pintura. Cenógrafo, crítico de arte, técnico em artes gráficas, professor, ilustrador dos melhores, era Santa Rosa um nome que já se projetara como uma das nossas maiores figuras no terreno das artes. Jovem ainda, pois contava 47 anos, muito já dera e muito mais nos daria. Sua capacidade de trabalho, seu espírito de pesquisa faziam dele um eterno insatisfeito.

Nós de "SUL" tínhamos nele um bom amigo. Tendo-o conhecido por intermédio do então jornalista Jorge Lacerda, Santa Rosa desenhou para a revista o título que foi usado durante a nossa primeira fase. E periodicamente dele publicávamos desenhos, ilustrações.

Ainda em agosto tivemos oportunidade de conversar com êle, demotadamente. O Governador Jorge Lacerda estava interessado não só em aparelhar o parque gráfico do Estado, mas também em trazer um técnico em artes gráficas para que ministrasse, aqui entre nós, um curso, possibilitando assim uma melhor apresentação das nossas edições. Ninguém melhor do que Santa Rosa para dar tal curso. Ele se prontificou em colaborar. Declarou porém que lhe seria totalmente impossível dar o curso completo. Daria as bases, ficaria aqui uma semana ou dez dias, realizando palestras e debates, depois se iria, deixando uma pessoa competente, indicada por êle, para completar o curso. O plano não chegou a se realizar. Neste meio tempo veio a viagem à Índia e o projeto ficou para quando êle voltasse.

Agora, de maneira brusca, imprevista, nos chega a notícia do seu falecimento. É sem dúvida uma grande perda para as artes do Brasil.

Quer como homem, pelas suas atitudes, quer como artista, pelo conteúdo, pelo espírito de pesquisa estética e pela realidade de sua obra, Santa Rosa é merecedor de respeito e admiração de todos aqueles que, no Brasil, se preocupam com os problemas da inteligência.



Sob o caramanchão — xilogravura de H. Mund Jr.

TERCEIRA CONFERÊNCIA NACIONAL DE JORNALISTAS

DORALÉCIO SOARES

Atendendo ao que determinou o VI CONGRESSO NACIONAL DE JORNALISTAS, reuniu-se, na cidade de Goiânia, de 21 a 25 de outubro p. passado, grande numero de jornalistas profissionais para levarem a efeito a III CONFERENCIA NACIONAL DE JORNALISTAS.

De todos os quadrantes do territorio nacional afluíram profissionais da imprensa Brasileira para, reunidos nesse pedaço do Brasil Central, debaterem os problemas que envolvem os profissionais da classe.

Quasi três centenas de homens de jornais, radio, Agencias telegraficas e revistas, lá estiveram congregados. Delegações de todos os Estados da União, presentes á III CONFERENCIA souberam, atravez da palavra dos seus Delegados, manter viva a chama que a todos envolve nas lides do jornalismo brasileiro: A LIBERDADE DE IMPRENSA.

Os três pontos capitais do Temário da III CONFERENCIA foram:

- I — Defesa da profissão jornalística e da Liberdade de Imprensa,
- II — Fortalecimento das entidades jornalísticas.
- III — Problemas da imprensa brasileira.

O QUE FOI A SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DA III CONFERENCIA

Aporvado o Regimento Interno, instalou-se a solene sessão de abertura da III CONFERENCIA NACIONAL DE JORNALISTAS, sob a presidencia do jornalista Geraldo de Araujo Vale, presidente da Associação Goiana de Imprensa.

Presentes altas autoridades civis e militares, representantes de S. Excia. o Sr. Governador do Estado, Dr. José Ludovico, jornalista Danton Jobim, representante do Exmo. Sr. Presidente da Republica, jornalista Herbert Moses, presidente da ABI, dr. Welly Ansely, presidente da API, Senadores Coimbra Bueno e Mozart Lago, grande numero de convidados. Pelas alunas do Colegio Estadual, foi cantado o hino Nacional. A seguir, proferiu o jornalista Geraldo Vale substancial discurso em que, envolvendo os problema da Imprensa Brasileira, despertou tambem a atenção dos jornalistas brasileiros ali presentes para a caminhada do Brasil rumo ao Oeste. Disse o orador que concentrado que estavamos não no Planalto Goiano mas no Planalto Central da América do Sul, que uma nova civilização estava surgindo ali, em que a mistura de tôdas as raças e cultura preparava talvez

o Brasil do Futuro. Que o cosmopolitismo de Goiaz sobrepuja até o de São Paulo pela penetração já vencida. Concitando os jornalistas presentes a não esquecerem os interesses nacionais, disse que um dos objetivos da conferencia era a mudança da Capital Federal e pedindo a colaboração de todos nesta campanha saudava a todos, não como cidadão goiano, não como cidadão brasileiro, mas como cidadão da humanidade, porque compreenderam os goianos que estão criando algo novo para o Brasil sem sombra de qualquer separatismo ou regionalismo. E que abrindo a Conferencia saudava o Brasil com espírito construtivo de algo realizar para a nossa grandeza.

Terminando sua oração concedeu a palavra ao jornalista Danton Jobim que leu a mensagem do sr. Presidente da República á Terceira Conferencia Nacional de Jornalistas. Disse, entre outras coisas, o sr. Presidente em sua mensagem que, quando candidato á Presidencia da República, assegurava que no seu governo a "Imprensa gozará de tôdas as garantias para exercer a alta missão que desempenha na sociedade como peça fundamental do mecanismo do regime. Afirmo-vos



Vista da sessão solene de abertura dos trabalhos da III Conferência Nacional de Jornalistas

solenemente que essas garantias jamais faltarão aos jornais e aos jornalistas". Neste trecho da mensagem presidencial S. Excia. assegurava garantir inteira liberdade aos jornais e jornalistas. Entretanto, nos demais tópicos essa liberdade vem condicionada ao seguinte: "LEI QUE DEVE OFERECER A SOCIEDADE E AOS HOMENS PÚBLICOS E AOS CIDADÃOS PRIVADOS, A GARANTIA DE QUE TÃO PODEROSO INSTRUMENTO DE INFORMAÇÃO ETC. "o que se observa é que essa liberdade, assegurada no primeiro tópico se vê

logo prejudicada na lei que sugere o próprio sr. Presidente nas garantias, etc. Entretanto, como antes da apresentação dessa mensagem o jornalista Danton Jobim a apresenta a posição do sr. Presidente da República Juscelino Kubstchek, e declara: "Que êle vos manda dizer, que neste momento como em qualque outro de sua vida pública não lhe passou pelo espírito de matar no Brasil a liberdade de Imprensa". É pensamento do ilustre jornalista, que o Presidente da República "deve situar-se na confluência das diversas correntes nacionais e em certo momento mostra-se permeável, influenciável por determinadas correntes que êle julga dominante e consequente a uma situação peculiar no momento político.

O jornalista Danton Jobim ao concluir a leitura da mensagem do sr. Presidente, surgiu um caso que eu reputo pitoresco: O velho jornalista Mário Mello, chefe da Delegação de Pernambuco, solicitou a palavra pela ordem, o que lhe foi concedido depois de certa indecisão do presidente Geraldo Valle. Disse aquele jornalista, no seu linguajar nortista: "Sr. Presidente. Solicitei a palavra pela ordem, para esclarecer que os aplausos proferidos em tórno da Mensagem que acaba de ser lida, não pertenceram a Delegação de Pernambuco, porquanto não podemos aplaudir uma mensagem enviada aos jornalistas aqui reunidos, da mesma pessoa que enviou ao Congresso Nacional uma lei que arrolha a Imprensa Brasileira". A manifestação do jornalista Mário Mello foi aplaudida por aqueles que estavam de acôrdo com o seu ponto de vista.



Fotografia tomada por ocasião do Coquetel no Palácio do Governo oferecido aos jornalistas pelo Governador José Ludovico, vendo-se S. Excia. ladeado por um grupo de jornalistas presentes

Eu reputei pitoresca por considerá-la inoportuna e por ter provocado riso em grande número de presentes. Seguiu-se com a palavra o jornalista Herbert Moses que proferiu a sua oração focalizando a transferência da Capital da República para o Planalto Central que tendo os primeiros constituintes do Brasil resolvido que a Capital deveria ser em Goiaz, no Planalto Central, e no momento em que se objetivava esta idéia "venho trazer a todos os goianos, especialmente aos que vivem nesta formosa cidade, que a encontro desde os últimos 15 anos por onde aqui passei, já na sua quasi adolescência. Quero esclarecer que os habitantes do Rio de Janeiro receberam a idéia sem ressentimentos, sem inveja e que todos nós daremos o máximo possível para que essa idéia se realize o quanto antes e que tenho certeza que com isso ganhará o Brasil, Goiaz e sobretudo Goiania.

Reportando se a lei número 40, como foi batisada, enviada pelo sr. Presidente da República ao Congresso Nacional, disse ter a certeza de que do Congresso sairá uma lei que assegurará completamente a liberdade de imprensa, e que conforme lhe assegurou o líder Vieira de Mello, o relator do projeto iria prontamente e junto com êle à Casa do Jornalista discutir o referido projeto.. E que êle não monopolizaria a discussão com os jornalistas do Distrito Federal, que convidaria jornalistas do Brasil inteiro, podendo comparecer representantes das Associações de classe e Sindicatos, para que se possa discutir e verificar que a Nação pede que continue a dizer: "Nós estamos trabalhando em prol da humanidade. Finalizando, agradeceu S. Excia. o modo carinhoso e gentil com que foi tratado neste recanto que será o Brasil de amanhã. Disse finalmente o sr. Herbert Moses ter a ABI solicitado aos poderes constituídos um terreno na futura Capital da República destinado a futura séde da Associação Brasileira de Imprensa.

—0—0—

No expediente foram lidas mensagens e telegramas de felicitações pelo bom êxito do conclave vindos de altas autoridades e jornalistas de vários pontos do território nacional, inclusive do jornalista Dr. Jorge Lacerda, governador do Estado de Santa Catarina. A solenidade foi encerrada com vários números de piano e canto realizados por senhoritas da sociedade local.

INÍCIO DAS SESSÕES PLENÁRIAS

Instalada a primeira sessão plenária, coube a presidência ao Chefe da Delegação da Bahia. Nessa sessão foram constituídas as três Comissões Técnicas constantes do temário, integradas de membros representantes de tôdas as Delegações, tendo a Delegação de Santa Catarina tomado parte ativa nos trabalhos das Comissões atravez dos seus Delegados.

Uma seqüência de teses e indicações foram apresentadas durante as sessões plenárias e distribuídas às Comissões, de acôrdo com o tema focalizado. Vários foram os assuntos que apaixonaram os oradores nas defesas dos seus pontos de vistas. Entretanto, como um dos principais objetivos da III Conferência Nacional de Jornalistas era debater a Liberdade de Imprensa, várias foram as teses apresentadas em tôrno do assunto que mereceu amplos debates suscitando, na maioria das vêzes, calorosas discussões quando os oradores procuravam envolver personalidades públicas no caso.

Sendo o objetivo das reuniões: Defesa da profissão e liberdade de imprensa. Fortalecimento das entidades jornalísticas. Problemas da Imprensa Brasileira; todo cuidado era pouco por parte dos organizadores do conclave afim de que não fôsse disvirtuado de sua finalidade. Foram, entretanto, iniciados ataques às autoridades públicas, mas atendendo às ponderações apresentadas no respeito às autoridades constituídas, foram abortados e os trabalhos caminharam dentro de um clima de ordem e compreensão. Os debates, embora calorosos atingiam sempre a conclusões serenas e objetivas. Tendo-se estabelecido uma seqüência na ordem da presidência dos trabalhos, coube a Santa Catarina a presidência da 5a. sessão plenária. Os trabalhos de tôdas as sessões foram conduzidos com acerto e segurança.

TESES E INDICAÇÕES

Acolaboração à III Conferência Nacional de Jornalistas está manifesta nos seguintes trabalhos, mercê dos quais a Delegação Catarinense se distinguiu: 1º.) Tese do Jornalista Doralécio Soares, autor desta reportagem sôbre A REGULAMENTAÇÃO DA PUBLICIDADE EM JORNAIS E REVISTAS. 2º.) INDICAÇÕES: Apêlo aos líderes partidários no Congresso Nacional, de Waldir de Oliveira Santos. 3º.) IV Conferência Nacional de Jornalistas em Florianópolis, e empréstimos imobiliários pelo IAPC para a construção da casa própria para jornalistas, de Adão Miranda.

Êsses trabalhos obtiveram aprovação das comissões técnicas e do plenário da Conferência.

A Delegação de Santa Catarina foi portadora das mensagens do Governador Jorge Lacerda e do Sindicato de Jornalistas Profissionais de Santa Catarina subscrita pelos seus diretores.

Constituiu se de real importância a palestra proferida em uma das sessões plenárias pelo Senador Coimbra Bueno sôbre a nova Capital do Brasil, abordando seus principais problemas. Durante a sua exposição foi o ilustre orador aparteado pelos presentes. Fez S. Excia. revelação estarrecedora quando se referiu à necessidade do funcionamento da Companhia que administrará os trabalhos de instalação da nova Capital, fosse situada em Goiania com todos os seus membros,

do mais inferior em função ao mais alto, do presidente ao servente, "afim de que não viesse acontecer o que aconteceu á Fundação Brasil Central, inspirada pelo espírito dinâmico e lúcido e desbravador do grande brasileiro general João Alberto, que se ainda vivesse esse grande brasileiro choraria lagrimas de sangue ao verificar como está sendo disvirtuado a sua grande iniciativa, hoje transformada a companhia em pelegos de emprego de bebados e filhotismo politico. Pois, de acordo com a lei promulgada, a séde dessa Companhia foi transferida para funcionar no local da Fundação Brasil Central em Mato Grosso. Entretanto, não há força no Brasil que consiga tira-la do Rio de Janeiro, porque existe tantos interesses a ela ligados que não há lei no Brasil que a retire do Rio de Janeiro. Revelação contrastadora de um senador da República, quando declara que o govêrno é impotente para fazer cumprir uma lei.

E apela finalmente aos Senhores jornalistas para que em seus jornais focalizem esta necessidade que é virtual para que os trabalhos administrativos dessa Companhia não seja envolvido por interesses da ação destruidora do empreguismo no Brasil.

E a sua localização em Goiania seria uma maneira de não torna-la vulneravel aos caçadores de empregos públicos no Brasil.



Aspecto da sessão solene de encerramento da III Conferência Nacional de Jornalistas, vendo-se na mesa que presidiu os trabalhos S. Excia. o Dr. José Ludovico, Governador do Estado

No final da palestra do ilustre senador goiano, acatando uma sugestão do jornalista Eurico Barbosa (Goias) o Senador Coimbra Bueno, solicitou a todos os jornalistas presentes a escreverem três artigos sobre Brasília a Nova Capital do Brasil e os enviar para a Associação Brasileira de Imprensa. Ali seriam julgados e os jornalistas classificados receberiam como prêmios lotes nas imediações do local em que se erguerá Brasília.

No intermédio dos trabalhos da III Conferência foram realizados vários coquetéis, Concertos, Danças folclóricas, visitação pública, etc. S. Excia o dr. José Ludóvico ofereceu em Palácio um coquetel ás Delegações presentes á III Conferência. Foi S. Excia saudado por um dos jornalistas presentes, que focalizou os múltiplos aspectos das atividades jornalistas no Brasil e agradecendo o á coquetel colocou as esperanças de um Brasil melhor no povo de Goiás que lidera a transferência da Capital Federal.



O jornalista Herbert Moses, quando de regresso da IIIª Conferência la-deado por um grupo de colegas, tendo à sua direita Miss Imprensa Goiana de 1955 e o jornalista Geraldo Vale, presidente da Associação Goiana de Imprensa

SESSÃO SOLENE E ENCERRAMENTO

A sessão solene de encerramento teve lugar no dia 25 no Teatro Goiania, presentes S. Excia. O Sr. Governador José Ludovico, altas autoridades civis e militares e eclesiásticas.

Abrindo a sessão, o jornalista Geraldo Vale convidou sua Exce-lência o Governador do Estado para tomar assento á mesa bem como as autoridades civis, militares, eclesiásticas e presidentes de Delega-

ções. Varios oradores se fizeram ouvir e em virtude do adiantado da hora, falou m nome das Delegações presentes o padre Adolfo Serra. Ao encerrar os trabalhos usou da palavra S. Excia. o sr. Governador d Estado que em empolgante discurso disse confiar nos resultados a que chegaram os jornalistas componentes da Terceira Conferência Nacional de Jornalistas, ora em sessão de encerramento.

Ao concluir a sua oração, foi S. Excia. muito aplaudido. Encerrou os trabalhos da sessão solene o jornalista Geraldo Vale.

Concluido as solenidades de encerramento, foi realizado um grandioso baile nos salões do Jóquei Clube de Goiania, onde estava presente a alta sociedade goianense;

xxx

Das conclusões, em seus múltiplos aspectos das atividades jornalísticas, foi firmado o documento "Declaração de Goiania" que é um grito de alerta ao povo brasileiro na presservação dos seus direitos de liberdade e livre manifestação da palavra falada e escrita.

Manifestam, assim, os jornalistas reunidos em Goiania, atravez do importante documento, o seu repúdio ao ante-projeto de lei contra a liberdade de imprensa, enviado ao Congresso pelo presidente da República por considerá-lo um instrumento de coação e cerceamento da lioerdade. Por de encontro à Constituição Brasileira, pelo seu aspecto ilegal e opressivo, contrário, portanto, às tradições democráticas do Brasil.

CONVERSANDO COM O PINTOR ISRAEL PEDROSA

Israel Pedrosa é casado com a pianista Jamile Karam que já realizou um recital em Florianópolis. O casal esteve na França, ela realizando seu curso de aperfeiçoamento de piano, e ele de pintura. Se derem certo alguns planos, virão eles a Florianópolis em princípios de 1957, quando poderemos apreciar os trabalhos de Israel Pedrosa e ouvir a música de Jamile Karam.

Perguntamos a Israel Pedrosa quais as influências mais marcantes em seu trabalho.

— A primeira influência me veio do movimento modernista francês, em combinação com as teses debatidas na Semana de Arte Moderna, como aliás para a maioria dos jovens. Porém a influência mais marcante foi de Portinari; também Segall. Tinha muito arraigada a admiração por pintores modernos como Van Gogh, Matisse e Corot. Na Itália, para onde fui como "pracinha", tomei contacto com a arte antiga italiana, até então só conhecida de reproduções. Pintava nesse período como os impressionistas franceses. Achava que a deformação gratuita era necessária. Comecei então a raciocinar sobre problemas estéticos e os caminhos que devia seguir na pintura.

— Foi fácil deixar suas antigas concepções e achar rumos novos?

— De modo algum. Com a segunda viagem que fiz para a Europa, minhas concepções anteriores sobre a pintura, como que desmoronaram. Me dediquei a estudar em especial o Movimento de Arte Moderna, saía dos museus angustiado, me sentindo como num bêco sem saída. E é preciso que diga que jamais desprezei o conteúdo; procurando colocar a forma em função do mesmo.

— Como conseguiu sair desse impasse?

— De grande auxílio foi a chegada de Portinari a Paris. O estudo



Pintor Israel Pedrosa

Encontramo-nos com Israel Pedrosa durante nossa estada no Rio, encontramo-nos e fizemos amizade. Batemos bons papos sobre assuntos de arte, cultura, sobre tudo enfim. Como seria de esperar não esquecemos "Sul", e fizemos com o jovem pintor uma entrevista onde procurámos principalmente focalizar problemas de ordem estética e humana.

intenso, as lições recebidas, durante as visitas aos museus e exposições, deram-se forças para romper intelectualmente com os pontos de vista anteriores. Compreendi que sem o domínio do "métier" não é possível realizar nada de definitivo. Passei a me interessar pelos problemas estéticos. Compreendi que não é a simples transposi-



Retrato — óleo de Israel Pedrosa



A Sêca — tríptico de Israel Pedrosa

ção da arte moderna francesa que — É essa uma realidade estática — solucionará o problema de pintura ca?

— De forma alguma. Grande número de nossos artistas se volta para o que é nacional. Ai temos a valorização da obra dos índios carajás, das cerâmicas populares. Há grande interesse em torno das obras de Guignard, Portinari, Clovis Graciano, entre outros. Foi justamente o terreno onde puderam surgir as bases da Bienal, e dos museus de Arte Moderno do Rio e S. Paulo. Também a Escolinha de Arte Infantil de Augusto Rodrigues e os Clubes de Gravura, vêm desempenhando um grande papel de divulgação artística, merecendo destaque honroso o Clube de Gravura de Porto Alegre.

— Em que direção orientou então sua busca?

— Quando voltei da França trazia grande interesse em conhecer as coisas nacionais a fundo. Não só nossa pintura, como também nossa música, literatura etc., relacionando-as sempre com a pintura, como é natural. Já estava então preocupado, como hoje, em realizar uma arte de caráter nacional.

— Você acha que nossa pintura antiga seja suficientemente divulgada e conhecida?

— É quase um crime o esquecimento em que vive a obra de um Almeida Junior, Amoedo Visconti, ou ainda Pedro Américo e Vitor Meireles.

— Quais seriam causas desse abandono?

— Não pretendo aqui analisar a fundo a questão, mas um aspecto que aclara muita coisa é o fato de a pintura constituir hoje mercadoria que os países exportam e impõem nos países em que têm influência ou preponderam. Nossa situação de semi-dependência se reflete também no setor artístico, onde aplaudimos os que nos mandam e silenciamos o que é nosso.

— Que medida imediata deviam pleitear os artistas plásticos a fim de incrementar nosso desenvolvimento artístico?

— Seria conseguirem tornar realidade o projeto que torna obrigatório murais, etc., em edifícios públicos, a exemplo do que já existe em diversos países; isto ajudaria a profissionalizar a pintura.

— Para concluir, Israel, qual o seu conceito de belo em arte?

— Eu acho que na pintura, se o pintor consegue captar a realidade íntima da coisa, ele atinge o belo. Isso é fácil de constatar no retrato, por exemplo.

E. M. — S. M.

ARTE É ANTES DE MAIS NADA EMOÇÃO

Tôda profissão tem sua geografia própria. Florianópolis, cidade amante do teatro. Função dos grupos amadores. Levar o teatro ao povo, como meio de divulgação cultural e artística. Necessidade do apóio oficial. Progresso do teatro no Brasil. Importância da lei dois por um. É preciso incentivar o autor nacional.

Salim Miguel

Esteve em Florianópolis a Companhia de Comédias Mário Brasini — André Villon, com Terezinha Austragésilo. Companhia formada de elementos jovens, mas todos profundamente interessados nos problemas de teatro, vendo o teatro não um fim em si mesmo, mas com uma finalidade mais alta, qual seja a de interessar o povo pelo teatro, a de levar a uma camada sempre maior da população essa diversão que é ao mesmo tempo um meio de divulgação cultural e artística, o conjunto formado por êsses atores tem realizado, por onde vem passando, uma tarefa das mais meritórias.



Mário Brasini, Therezinha Austragésilo e André Villon nos escritórios da TAC, quando retiravam passagens para o Rio de Janeiro

André Villon é hoje considerado um dos melhores atores jovens do Brasil. Em 1954 conquistou o prêmio da melhor interpretação do ano e de lá para cá vem, cada vez mais se dedicando a fundo à arte cênica. Terezinha Austregésilo foi saudada pela crítica como uma das melhores revelações femininas dos últimos tempos. E suas apresentações entre nós só tem confirmado o que dela se dizia. Mário Brasini é o ator que todos nós já conhecemos. Mas não só ator; é verdadeiramente homem de sete instrumentos. Ator, autor, diretor, crítico, ator de cinema e rádio, sua atividade no terreno da arte, especialmente no terreno da arte, mais especialmente no terreno da arte teatral, se multiplica.

Foi a Mário Brasini que procuramos para esta conversa. Pedimos inicialmente, que nos dissesse alguma coisa a respeito da maneira pela qual se havia iniciado no teatro.

— Comecei fazendo teatro amadorista em Colégio. Depois fui para a Filo-Dramática da Dopo Trabalho, na Casa de Talia. Porém, na minha formação teatral, a pessoa a quem mais devo, inclusive na parte que se refere à minha formação como ator, a alguns conceitos que ainda agora tenho a respeito dos problemas artísticos, é a Giorgio Lambertini. Era ele um antigo diretor e ator italiano que veio para o Brasil, mas aqui nunca se apresentou devido ao sotaque. Em 1941 fui um dos fundadores do teatro da UNE. Lançamos logo um concurso de peças, no qual saí vencedor, com a comédia "Estudante". Foi esta a minha primeira peça representada. Tivemos, o que era relativamente bastante para a época, Cr\$ 5.000,00 para montar o espetáculo. Dirigi depois o Teatro Acadêmico, dos Universitários. Neste meio tempo fui fazendo também um pouco de rádio e cinema. Em 1947 montei o que considero a minha maior experiência até hoje. O "Teatro do Povo". Excursionei durante dois anos. Voltando ao Rio tomei parte em "Massacre", de E. Robles, com Graça Melo. Em 1955 fui premiado como o melhor diretor do ano, pela direção da peça "O Golpe". E neste ano, juntamente com André Villon e Terezinha Austregésilo, montamos, no Rio, onde ficamos durante cinco meses, primeiramente o original de Miguel Miura, "Três a meia luz", e depois o meu original "Alguém falou de amor?" Estamos excursionando há quatro meses...

Desejavamos saber se continuariam a excursionar.

— Não, — retrucou-nos — daqui voltaremos para o Rio. No próximo mês de dezembro seguirei para a Rumânia, onde vou me encontrar com minha mulher e minha filha que lá se encontra em tratamento. Se puder voltar a tempo, pretendo organizar uma companhia, que em 57 visitará o norte do país".

— E para o sul, não pretende voltar?

— Sim, se possível em 1958 farei nova excursão para o sul do país. Porém não sei ainda, depende do tempo que tiver que permanecer na Europa.

Aproveitamos a chance para perguntar-lhe o que achava de Florianópolis.

— Cada profissão tem sua geografia. Existem mapas específicos. Exupery, quando ele declara ao seu amigo e colega aviador que ob-Axupery, quando ele declara ao seu amigo e colega aviador que observasse uma determinada passagem de um recanto da Espanha. Aqui-lo então passou a existir, para eles, naquela ocasião, muito mais do que todo o resto. Florianópolis, no mapa teatral, existe. E existe bem. Você lembrou com razão que sob alguns aspectos o teatro é uma espécie de família, de maçonaria. Pois bem, quando vamos excursionar, perguntamos aos colegas a respeito das diversas praças. E Florianópolis sempre é citada como uma boa praça, uma cidade onde o povo ama

o teatro. E nós, a despeito de tudo que aconteceu, dos imprevistos, se assim podem ser chamados, estamos confirmando isto”.

Queríamos saber d'êle, que viera, como grande parte dos atores nacionais, dos grupos de amadores e dos estudantes, como encarava o teatro amador.

— A meu ver uma das principais funções dos grupos de amadores, dos teatros de província e dos grupos de estudantes, é a criação de um público afeiçoado ao teatro. E é a descoberta de vocações. Atores, autores, cenógrafos, diretores, etc... Estes conjuntos funcionam como escolas, onde, infelizmente, muitas vezes, o auto didatismo impera, com todo o seu conjunto de dificuldades. Por isto mesmo, numa atividade em que até hoje em nenhum país do mundo se firmaram teorias definitivas a respeito da técnica pedagógica, êsse auto didatismo permite muitas vezes a formação de temperamentos espontâneos tão respeitáveis e meritórios quanto outros oriundos de escolas oficiais de Arte Dramática. Mas é preciso, é imprescindível que os diretores e responsáveis pelos conjuntos de amadores da província não se entreguem a vôos de pseudo vanguardismo, pretendendo saltar a fase acadêmica do aprendizado e começar por onde expoentes acabam. Uma vez feito um público, criado em sua cidade um interesse popular constante pelo teatro, então devem os grupos amadores aventurar-se a iniciativas experimentais, sem esquecer de que pelo menos metade de seu repertório deve reviver os originais clássicos. E fazer um teatro positivo, de conteúdo também. Insistir em teatro meramente formalística, obra de nefelibatas, alheios à realidade do povo, repugnados com os temas legítimos da raça, cultores de um hermetismo estético individualista, indiferentes à sensibilidade e ao grau de cultura daqueles para quem se dirigem, será divorciar cada vez mais o povo do teatro”.

Um problema que sempre preocupa é o de saber se o cinema, conforme se diz, tem prejudicado o teatro, se o cinema matará o teatro. Homem de teatro, mas também homem de cinema, melhor do que ninguém Brasini poderia nos esclarecer a respeito.

— Não acredito que o cinema mate o teatro. O que há é uma guerra econômica, com interesses nem sempre respeitáveis, entre o cinema e o teatro. O grande interesse é não permitir que as atividades culturais brasileiras se desenvolvam. A alma de um povo se alimenta da sua arte. Um povo de alma robusta defende melhor suas fronteiras políticas e econômicas. De sorte que manter dividida a alma brasileira é um plano estratégico daqueles que nos querem eternamente dependentes. Existem, é claro, outros aspectos. Por exemplo. O ator de um filme vem enlatado, não reclama, trabalha dia e noite, é mais fácil de controlar, não lhe parece? Mas o fundamental me parece o que ficou dito acima. Porque observe que também contra o cinema nacional se faz essa campanha subterrânea e contínua.

Sabemos todos que as atividades teatrais são mínimas no Brasil: se restringem a uns dois ou três centros, a alguns grupos de amadores, a uma que outra companhia se aventurando, nas condições mais precárias, a percorrer o interior. Mário Brasini já virou o Brasil de ponta a ponta. Não só trabalha como gosta, fez do teatro a sua vida, vem estudando o problema com afinco. Que teria a nos dizer a respeito, qual a maneira de interessar mais profundamente o povo pelo teatro?

— De imediato — começou êle prontamente — que cada cidade brasileira com mais de 50 mil habitantes, quer desapropriando um dos seus cinemas, quer construindo teatros de emergência, pudesse dispor de uma casa de espetáculos exclusivamente reservada às companhias teatrais em excursão, aos conjuntos amadorísticos locais, às ati-

vidades especificamente culturais e às solenidades cívicas. Isto já nos daria casas para trabalhar. Ao mesmo tempo seria necessário que os governos estaduais em colaboração com o Federal e o Municipal, apoiassem toda atividade teatral num plano nacional, até que o povo voltasse a se interessar por uma atividade cultural e artística de que há muitos anos se vê privado”.

Andou-se debatendo, há pouco, pelos jornais e pelo rádio, a famosa lei 2 x 1, isto é, para cada dois originais estrangeiros, um nacional. A medida, como se vê, viria interessar os nossos intelectuais no teatro, viria beneficiar a classe. Combatida, louvada, ainda hoje provoca interesse. Mário Brasini, quer como ator, quer como autor, quer ainda como diretor, bastante estudou o problema. Foi a pergunta seguinte que lhe fizemos. Sem exitar, foi dizendo:

— Sou inteiramente favorável a chamada lei dois por um. E a experiência, contra a cegueira dos nossos empresários que preferem originais estrangeiros, demonstrou a superioridade comercial, já que é aí que eles se estribavam, do original nacional. Vejamos um exemplo. Luiz Iglezias, que estreiou sua temporada teatral deste ano no Rio com um arremêdo de peça histórica sobre uma suposta sobrinha do Czar, Anastacia, que descambou depois para uma peça norte americana, se não me falha a memória traduzida para o português com grande sacrifício pelo norte americano Al Neto, Luiz Iglezias só veio a se salvar ante a crítica e o público pagante com uma sátira de sua autoria (Lotária, que ficou durante muito tempo em cartaz). O TBC, depois de uma série de porões, ou seja, casas fracas com “afumados” originais estrangeiros, encontrou cassas repletas com “Santa Marta Fabril S. A.” de Abílio Pereira de Almeida. Jaime Costa que com velhos vaudevilles traduzidos e adaptados via seu teatro em S. Paulo às moscas, salvou-se com “Copacabana S. A.”, de um autor novo brasileiro. Maria Della Costa, com “Moratória” de Jorge Andrade e “Moral em Concordata” de Abílio P. de Almeida, fez temporadas brilhantes. Poderia continuar citando. E veja, tudo isto num período de 2 anos, no máximo. Aprecia ou não aprecia o povo o trabalho dos nossos autores teatrais? Se não aprecia por que terá “Dona Xepa”, de Pedro Bloch, duas temporadas seguidas em representação. E quando voltou no final da terceira temporada, teve outra vez casas lotadas. Voltando à lei dois por um, gostaria de destacar, o que muita gente ignora e que outros procuram ignorar, que raramente uma Companhia monta mais de três originais por ano. Onde, pergunto, a tão propalada desproporção? A meu ver só há, na lei, um ponto discutível. Diz ela que só se poderá levar um original de domínio público para cada dois de autor vivo. Ora, é preciso esclarecer, precisar que esta parte, que se refere ao teatro clássico brasileiro, se aplicada ao pé da letra, tornaria muito difícil a montagem de espetáculos constituídos por três peças clássicas de um ato, já que há muitas de um só ato. De resto a lei merece todo o apóio dos intelectuais brasileiros”.

Hoje, tanto no que se refere aos originais, quanto à parte técnica, já se pode falar num teatro brasileiro adulto. Há espetáculos montados no Rio e S. Paulo que nada deixam a desejar. Quando teria começado a se verificar essa reviravolta?

— Coincidiu, cronologicamente, com o surgimento e as atividades dos “Comediantes” e do TEB de Paschoal. São realmente estes os dois grupos que deram início à fase de renovação”.

Que gostaria mais de nos dizer Mário Brasini?

— Gostaria de chamar atenção dos jovens para que não se entreguem à prática do teatro dissolvente, do teatro de escândalo, no qual sob a falsa pretensão de uma busca poética, o que na verdade se visa

é o sucesso através do pornográfico. Que não se acreditem defensores do teatro moderno quando fazem peças como as de Nelson Rodrigues, T. Williams e outros. Teatro moderno é aquele que aborda e discute os legítimos interesses e problemas do povo e que poristo mesmo é acessível a tôdas as classes sociais. Não acreditem muito na moda, mas no que é permanente, seja êle velho ou novo. O teatro deve, além do mais, trazer uma mensagem, ter uma função social, servir como meio de divulgação cultural e artística. Ninguém faz teatro para si mesmo, para deleite próprio. E é bom não esquecer que a arte é antes de mais nada emoção. Nunca devemos nos envergonhar dos nossos sentimentos nem de através da arte atingirmos e emocionarmos o público.

Coopere

Não só com

SUL

(Revista e Editora)

mas também

com o

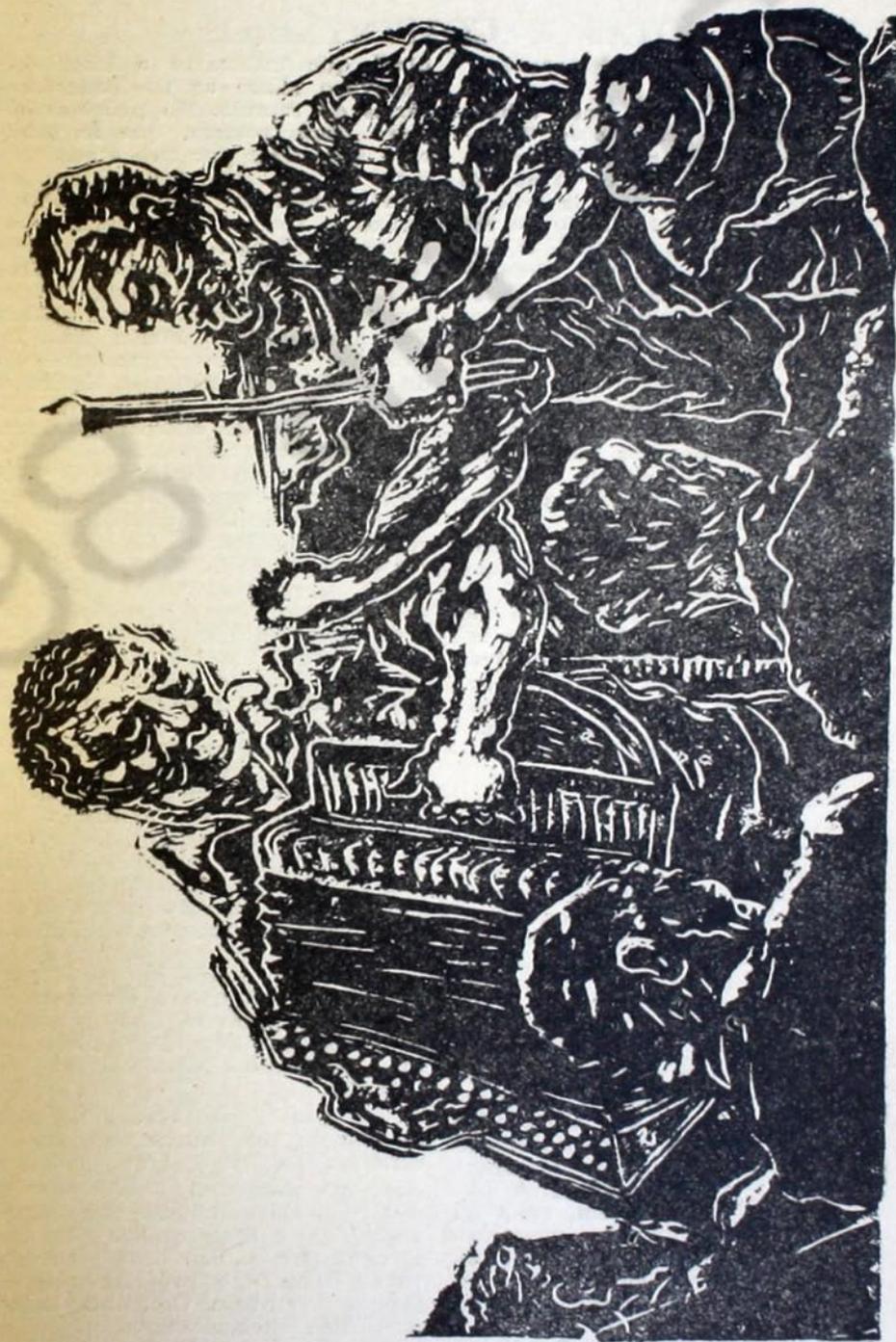
Clube de Cinema de Florianópolis

(em pleno funcionamento)

e com o

Teatro Experimental de Fpolis

(em reorganização)



Músicos Populares do Rio gravura de Newton Cavalcanti

NOTAS & COMENTÁRIOS

Notícias de Lourenço Marques

Afonso Ribeiro, um dos cobouqueiros do novo realismo em Portugal e um dos seus melhores romancistas, acaba de publicar "O pão da vila", segundo volume da trilogia "Maria", de que foi primeiro o romance "Escada de serviço". O autor de "Adeia", "Povo", "Tranpolim" e "Ilusão da morte", que pretende fazer uma obra em que sejam focados os vários aspectos que conduzem as criadas de servir portuguesas à prostituição e fazer um estudo objetivo da prostituição sistematizada e consentida, em "O pão da vida" deu-nos um romance chelo de oportunidade e que é uma crítica real e viva da sociedade portuguesa.

Manuel Filipe de Moura Coutinho, nosso correspondente, publicou um livro de poemas, "As mãos do homem", e tem em preparação um outro a que chamará "A paz de toda a gente". É o primeiro um livro de estreia onde são reunidos poemas de várias épocas da sua evolução e onde reúne poesias dispersas por jornais e revistas.

NOTÍCIAS SOBRE A VIDA CULTURAL EM CHECOSLOVAQUIA

Depois de uma série de concertos realizados na República Federal Alemã, na Jugoslávia e Hungria, a Filarmónica checa está se apresentando para uma viagem a Austria e Holanda. No mês do Outono a Filarmónica checa dará 14-16 concertos na Inglaterra.

Um dos lugares que gozam da maior popularidade do público musical de Praga, é o Teatro de Música. Estabelecido em 1949, converteu-se num centro dos aficionados da música. A sua particularidade reside em que as sessões estão compostas pela música de discos. A discoteca do Teatro contém, mais ou menos, 36.000 obras dos mais variados compositores. Em Checoslováquia funcionam cinco auditórios semelhantes em diversas cidades do país.

Acaba de aparecer em Praga um novo periódico "A literatura mun-

dial", que informará o leitor checoslovaco sobre as novidades literárias do mundo. No primeiro número desta revista, que se publicará seis vezes por ano e cada número da qual tem 260 páginas, foram estampados artigos, poemas, contos e trechos dos romances de Federico Garcia Lorca, Eça de Queiroz, Alberto Moravia, Thomas Mann, Mark Twan, Charles Dobzynski, Máximo Gorki, Mikhail Solochov, Roberto Merle, etc. No próximo número publicar-se-ão obras de Nazim Hikmet, Kazimierz Brandys, Arnest Hemingway, Thomas Mann e de outros escritores mundialmente conhecidos.

A convite do Ministério de Cultura, uma delegação cultural uruguaia visitou Checoslováquia. Era composta de Héctor Laborde, gerente geral do SODRE em Montevideu, da pianista Nibya Mirino, da cantante de ópera Virginia Castro e do diretor de orquestra, o compositor Carlos Estrada. Os concertos de Nibya Marino, Virginia Castro y Carlos Estrada grangearam um enorme êxito.

O público checoslovaco recordou o centenário da morte do célebre poeta alemão Henrich Heine. Aos atos comemorativos assistiram representantes culturais da República Democrática Alemã e da República Federal Alemã. Em Praga foi instalada também uma exposição intitulada "Heinrich Heine na literatura checa". A obra do poeta, estimado desde já muito pelos leitores checos que o conhecem de um grande número das traduções ao checo, foi evocada também pela Academia Checoslovaca de Ciências.

A fita checoslovaca adquiriu no ano de 1955 novos mercados na América Latina. Foi concluído um convenio para um intercâmbio de dez fitas checoslovacas por quinze argentinas e o de quinze fitas mexicanas por quinze fitas checoslovacas. Duas fitas projetar-se-ão em Bolívia. Também Colômbia importará fitas checoslovacas.

Em Praga foi inaugurada uma exposição de miniaturas persas.

O elenco dramático e o de ópera do Teatro Nacional de Praga prepara uma série de representações em Berlim e em Paris. O elenco de ópera representará em Berlim óperas de Smetana, Dvorak e do compositor contemporâneo E. Suchon. O elenco dramático participará pela primeira vez no Concurso Internacional do Teatro com obras dramáticas de Karel Capek e de Vitezslav Nezval. Em Paris organizar-se-á também uma exposição "O teatro francês nos cenários checos".

A ópera clássica checa "A noiva vendida" do compositor Bedrich Smetana foi estreada com êxito em Tóquio. No Japão editar-se-á em breve a tradução japonesa do livro de Frantisek Kozik sobre o campeão mundial Emil Zatopek, desportista conhecido também no Brasil.

A revista "Horizontes do Mundo", N.º 4, publicou um artigo do seu diretor Afonso Schmidt sobre o pintor checo Mikulás Alés.

O diretor da música uruguaia Juan Protasi, que estudava recentemente a produção musical checa, durante os dias da sua estadia em Checoslováquia, encarregou-se da tradução ao espanhol da ópera "O beijo" de B. Smetana e de "O zorro astuto" de L. Janáček.

O professor da Universidade de Leeds (Inglaterra) A. Kettle deu em Praga, Brno e Bratislava uma série de conferências sobre a literatura britânica.

Um dos lugares, onde se encontram os tesouros da literatura checa, é o Memorial de literatura checa de Strahov em Praga, que possui uma biblioteca de mais de ... 600 000 tomos, muitos dos quais são manuscritos únicos de seu gênero.

O conjunto artístico eslovaco SLUK, que visitou a França, foi elogiado pela crítica dos mais notáveis diários de Paris. A representação de SLUK no teatro Champs-Élysées foi chamada de um importante acontecimento artístico do corrente ano.

25 países participarão numa con-

ferência internacional sobre a obra de W. A. Mozart, que se realizara em Praga.

No "Periodista Democrata", órgão da Organização Internacional de Periodistas, publicado em Praga, apareceram dois artigos sobre a evolução da imprensa brasileira e sobre a sua situação de hoje. No número de março (1956) desta revista mensal foi publicado o artigo de Luis Enrique Delano sobre a imprensa sul-americana.

Dr. Zdeněk Hampejs

ATUALIDADE PORTUGUESA I

Afonso Duarte, bom dia!

Um numeroso grupo de admiradores de Afonso Duarte, reuniu-se e em impressionante romagem, lá foi homenagear este jovem poeta, que viu o mundo no 1.º de Janeiro de 1884.

A Vêrtice, sempre atenta, dos mais pequenos pormenores aos maiores acontecimentos da nossa vida intelectual, dedicou-lhe um número profusamente colaborado, ou analisando a obra do poeta na sua multiplicidade de facetas, ou atestando a sua posição monolítica no seio das letras portuguesas, ou ainda saudando-o como a um dos pilares que o tempo não logrou destruir — testemunho inequívoco de que apesar de tudo, nem tuco ainda morreu em Portugal.

O acaso não me quis favorecer, proporcionando-me o grato favor do seu conhecimento pessoal — mas o conheço por aquela auréola que todo o poeta usa, tocando a fronte preme de segredos inestimáveis, de sortilégios, de passes de beleza.

Duas outras gerações de poetas receberam lições suas, nas aulas de cavaco, abertas à mesa redonda do café, ou Mondego arriba, por entre o chiste, o olhar severo acastado ao futuro dos homens, a palavra amiga, cordial, compreensiva.

De entre os mais novos, Carlos

levaram a cabo a organização da sua obra poética — os seus cinquenta anos de atividade, a sua carreira compassada, por entre o saudosismo, o modernismo, o preencionismo, o neo-cancioneirismo, como podemos falar de um receptor vivo, sempre apto a captar todas as ondas e vibrações do mundo moderno, no seu refluir, na certeza de que:

"O antigo é a doença que eu mais detesto,

É viciar o que já foi virtude,
O tornar ao passado é sempre um resto,

Ou pior, uma falta de saúde.

II

Palavras de Antônio José Saraiva.

De uma série de artigos publicados no jornal "República", sobre o tema geral de "os problemas da nossa cultura", aprez-nos salientar as palavras do Dr. Antônio José Saraiva, cuja atividade fecunda no campo do pensamento português contemporâneo, de há muito o vem impondo à consideração e estima de todos aqueles que sinceramente consideram e estimam a cultura.

Após focar o papel restritivo e condicionante da Censura à Imprensa, demonstrando que tudo o que se possa apresentar como trabalho feito, nos últimos anos, não é suficiente para lhe negar um papel obstrutor de cultura, A. J. S. relaciona a época presente com outras épocas da nossa história, onde a par dos espíritos cultos e abertos, coexistiam as sobrevivências anacrônicas de um passado fradesco e inquisitorial.

Assim se pode explicar hoje, a formação de toda uma pléiade de jovens escritores, pondo desempoeiradamente os problemas do povo, como A. Redol, Soeiro P. Gomes ou Leão Penedo, e tantos outros, bem como a desassombrada obra de um Ferreira de Castro — enigma que para os investigadores vindouros, aparecerá possivelmente com o mesmo acento paradoxal com que hoje se nos afigura por exemplo a época de D. João V.

Depoimentos deste gênero servi-

rão no entanto a esses estudiosos, como pedra de aferir medidas, na pura linha que entronca em Fernão Lopes, Gil Vicente ou João de Barros.

III

Bacilos editoriais

Como mau complemento de cultura, o mercado editorial português tem sido ultimamente infestado por numerosas edições, deploravelmente insalubres, congêneres fiéis da velha literatura de cordel, onde ou a violência inconcebível ou a pornografia inconsequente, são os pratos de resistência.

Tanto mais perigoso, quanto e certo serem os citados exemplares vendidos a baixo preço, o que infelizmente, (neste caso), os torna acessíveis às grandes massas populares e às falanges juvenis.

É deplorável a contestação deste fenômeno, numa altura em que sistematicamente e (sintomaticamente) todas as boas revistas literárias e culturais têm desaparecido na voragem sequiosa do tempo.

Como tentativas de concorrência séria a essa alarmante atividade editorial, anotamos uma já projetada coleção "Mosaico", que será dirigida pelo conhecido escritor Manuel do Nascimento, cuja honestidade irrefutável, é sinal de garantia.

Alí terão lugar alguns dos mais representativos escritores brasileiros, como Schmidt, Lins do Rego, Garciliano Ramos, etc... a par dos bons autores portugueses e alguns estrangeiros.

Iniciativas Editoriais — acaba de lançar um pequeno caderno de poesia de José Gomes Ferreira (a que nos referiremos mais detalhadamente noutra altura), e com que inicia uma coleção em bons moldes — sendo apenas de lamentar o seu preço elevado em relação à literatura negra a que me referi acima.

Sem dúvida que a nossa cultura está precisando de uma desintoxicação formal. Aguardemos melhores dias... trabalhando afincadamente para isso...

Luis Eugênio Ferreira
Santarém — Portugal.



Xilogravura de Aldo Nunes

continuando com o seu plano editorial acaba de lançar:

TERRA FRACA

poemas de Anibal Nunes Pires
capa de Hiedy de A. Correa
Caderno "Sul" — V

Preço: Cr\$ 20,00

contos de A. Boos Jr.
capa de Hugo Mund Jr.
Edições 'Sul' — VII

Preço: Cr\$ 30,00

Procure nas Livrarias ou peça pelo Reembolso postal à "Revista 'Sul'" Caixa Postal, 384 — Fpolis. S. C.

O Vendedor de Pinhões — contos de Arnaldo Brandão — acaba de aparecer mais este livro do conhecido escritor catarinense, volume onde estão enfeitados inúmeros trabalhos versando temas e aspectos de Santa Catarina. Era próxima nota voltaremos mais demoradamente ao volume em questão.

Maria da Terra e outros poemas — de Décio Frota Escobar. Deverá aparecer, em meados de 1957, o segundo volume de poemas de Décio Frota Escobar. Tendo estreitado com **Rua Sul**, volume de poemas que foi muito bem recebido pela crítica, depois de alguns anos onde quase nada publicou, volta agora Décio com um novo livro, o qual será por ele planejado e ilustrado, sendo uma edição da Casa do Estudante do Brasil.

Livros Horizonte — nosso distribuidor exclusivo para Portugal e Colônias Acabamos de entregar a distribuição de nossa revista em Portugal e Colônias, para Livros Horizontes, apartado 818, Lisboa-Portugal. Com isto acreditamos não só tornar mais fácil a divulgação da revista, como possibilitar que ela chegue a um maior número de pessoas. Livros Horizonte tem se procurado constantemente com a divulgação do livro brasileiro em Portugal e entregando-lhe "Sul" sabemos que a revista estará sendo difundida por uma casa especializada. Qualquer esclarecimento a respeito poderá ser solicitado a Livros Horizonte, diretamente ou então aos nossos bons amigos e representantes em Portugal Dr. Manuel Pinto e Vitoriano Rosa.

REPRESENTAÇÕES ERNESTO MEYER

Lápis Johann Faber Ltda.
Produtos "Giner"
Etc.

Caixa Postal, 84 — Fone 3773
Florianópolis — Santa Catarina
FOTO ANDRE — o melhor
Atende a domicílio
Rua Sete de Setembro, n. 1
Florianópolis — Santa Catarina

Edições "SUL"

- 1 — Velhice e outros contos — Salim Miguel
- 2 — A Ponte (prosa e verso) — Antonio Paladino
- 3 — Alguma Gente (histórias) — Salim Miguel
- 4 — Plá — contos — Guido Wilmar Sassi
- 5 — Contistas Novos de Santa Catarina — Introdução de Nereu Cor-
rêa — Edição ilustrada por artísticas plásticos catarinenses
- 6 — Rêde — romance — Salim Miguel
- 7 — Teodora & Cia — contos — A. Boos Junior

Cadernos "SUL"

- 1 — Idade 21 — poemas — Walmor Cardoso da Silva
- 2 — Manhã — poemas — Eglê Malheiros
- 3 — A morte de Damião — farsa em 1 ato — Ody Fraga
- 4 — Macaco-Prego (lembrança sul-americana) — Mateus-Maria
Guadalupe
- 5 — Terra Fraca — poemas — Anibal Nunes Pires

Dentro de breve, nas edições SUL

- 8 — Amigo Velho — contos — Guido Wilmar Sassi
- 9 — Introdução à literatura catarinense — ensaio — Osvaldo F. de
Melo filho

nos cadernos "SUL"

- 6 — Marques Rebêlo, poeta Morto — ensaio — Hélio Alves de Araújo
- 7 — Praça da angústia — teatro — Antonio Simões Jr.

Em preparo nas edições SUL

- 10 — Província — contos — J. P. Silveira de Sousa
- 11 — Bartolomeu — romance — Arnaldo Brandão
- 12 — Arte Primitiva — ensaios — Edmond Jorge
- 13 — Teatro — peças em 1 ato — Augusto dos Santos Abranches
- 14 — Véspera — novela — Eglê Malheiros
- 15 — Cinema e Educação de Base — ensaios — Ody Fraga
- 16 — Lendo e Anotando (apontamentos críticos) — S. M.
- 17 — Histórias do Sertão — contos — Osvaldo de Oliveira

nos cadernos "SUL"

- 8 — Poemas — Walmor Cardoso da Silva
- 9 — Fortunato Barbosa, escriturário padrão F. — novela — Osvaldo
R. Cabral
- 10 — Ensaio Geral — ensaios de teatro — Ody Fraga
- 11 — Mito e Religião — ensaio — Edmond Jorge
- 12 — Primavera Roubada — poemas — Fernando Correia da Silva

Revista e Edições "SUL"

Praça XV — Nº 27 — Caixa Postal, 384

Florianópolis — Sta. Catarina — Brasil



Em reconhecimento aos inestimáveis serviços que tem prestado à aviação civil brasileira, o Presidente da República resolveu incluir na "Ordem do Mérito Aeronáutico", no grau de Oficial, o sr. Bento Ribeiro Dantas, presidente da "Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul". O agraciado recebeu a comenda das mãos do brigadeiro Adjalmar Mascarenhas, Chefe do Estado Maior da Aeronáutica, juntamente com outras altas personalidades civis e militares, por ocasião dos festejos de encerramento do "Ano Santos Dumont", que ontem tiveram lugar junto do monumento ao Pai da Aviação. O sr. Bento Ribeiro Dantas, por esse motivo, foi muito cumprimentado por seus amigos e admiradores e funcionários da empresa que dirige. Os diretores da "Cruzeiro do Sul" compareceram incorporados à solenidade. Na foto, o sr. Bento Ribeiro Dantas ao receber a sua condecoração das mãos do brigadeiro Adjalmar Mascarenhas

EM SANTA CATARINA:

Repercurte o entusiasmo dos poderes no Rio Grande pelo turismo — magnífica cobertura de "A Hora" — a TAC, suas campanhas — hotéis

HONRADO SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS QUER FAZER, E FARA TURISMO

Um hotel que marcará uma época — "Vamos desencaramujar a paisagem iniciativa de alta valorização econômica" — Um homem que se propõe tirar sua terra do esconderijo.

O governo riograndense, pelo Conselho Estadual de Turismo, e a Assembléa Legislativa, vêm empreendendo bela campanha em favor da indústria do turismo, que tem causado a melhor das impressões, especialmente em Florianópolis e nos demais municípios catarinenses, que tem acompanhado com a atenção o desenvolvimento dessa campanha por intermédio de "A HORA".

Os comentários de Nínive Feijó, abordando aspectos dessa indústria e seu êxito, no Rio Grande, bem como a compilação de legislação de países onde o turismo é uma realidade sonante; as atividades do Executivo gaúcho, por intermédio do Conselho Estadual de Turismo, que tem a felicidade de contar com a colaboração de um "expert" do porte de Osvaldo Goidanich; os trabalhos da Assembléa Legislativa sobre matéria turística, que encontram no deputado João Caruso um trabalhador de primeira linha, cada vez animam mais as iniciativas privadas catarinenses em prol do desenvolvimento dessa indústria, que já conta com a simpatia de nossos governantes. Todavia, fa-se mistér, num Estado que pode oferecer tantas possibilidades ao turismo como o de Santa Catarina, a execução de trabalhos mais objetivos dos poderes, a exemplo do que vem sendo feito em quase todo o país, a-fim-do que primeiramente o próprio nacional conheça e admire os caprichos maravilhosos da ilha de Santa Catarina, o vale do Itajaí com seu pujante parque industrial e sua agricultura, o norte catarinense, o desenvolvimento vertiginoso do oeste, o inverno europeu da serra, com suas frutas, e o sul onde o carvão e o vinho ampliam nossas grandes possibilidades no terreno econômico.

A INICIATIVA PRIVADA

E qual o catarinense que pode negar, hoje, que falar em turismo é falar na

TAC? Esta empresa de aviação doméstica, que ligou Santa Catarina, trazendo o extremo sul e o longínquo oeste para a órbita da capital, foi a primeira no Estado a fomentar o turismo catarinense. Organizou um bem preparado departamento de turismo, que editou um volumoso Guia Informativo de Turismo, cartazes coloridos, artigos numa cadeia de jornais e rádios do Estado, interessando na matéria todos os prefeitos municipais, classes conservadoras e o povo em geral.

Um bem cuidado departamento de relações públicas promoveu com êxito a aproximação da imprensa escrita e falada para essa campanha que já te m trazido grande número de turistas para o Estado. Ha progresso e movimento indiscutível, principalmente na capital do Estado.

PRIMEIRA SOLUÇÃO: HOTÉIS

E de ta l forma é o afluxo de visitantes, de tal maneira está o turismo na ordem das coisas, aqui, que os hotéis vivem abarrotados. É um ótimo negócio em Florianópolis dirigir um hotel. Eles faltam e a disputa para alojamentos é enorme.

Já nos referimos, a respeito, ao Dunas e Hotl, estabelecimento moderno que tem a finalidade exclusiva de "prender" turistas na incomparável moldura da Lagoa da Conceição. Com o capital de trinta milhões de cruzeiros, há poucos dias lançadas as ações, já foi subscrita a soma aproximada de 9 milhões de cruzeiros.

Soubemos, de fontes dignas de crédito, que a TAC convidará o deputado João Caruso para visitar Florianópolis e, na oportunidade, procurará saber do mesmo minúcias do planejamento turístico para o Rio Grande.

—0—

Numa dessas manhãs claras e luminosas de inverno, acompanhados por velho e leal amigo, fomos falar com o Dr. João David Ferreira Lima, Diretor Presidente da Transportes Aéreos Catarinense.

Atendidos fidalgamente por aquele nosso antigo mestre da Faculdade de Direito, protótipo de cavalherismo e lhaneza, foi com prazer que acedemos ao seu amável convite, de visitar as novas instalações da companhia aérea que, com tanto brilho e eficiência, dirige.

Devemos confessar que nunca esperávamos encontrar tanta cortezia, espírito de organização e solicitude. Dispondo, antes de mais nada, de serventuários educados, zelosos e competentes, cuja número atinge a uma centena e meia, a TAC pode orgulhar-se de ser uma organização ímpar em nosso Estado.

Seus diversos departamentos quer de Relações Públicas ou Estatística, Almo-xarifado ou Contabilidade, confortavelmente instalados no imponente edifício da Sul América, são dignos de encômios pela ordem e eficiência apresentadas.

Em palestra com dirigentes daquela empresa, ficamos conhecendo um pouco de sua história das dificuldades, incompreensões, cansanças e lutas que a pioneira das companhias de aviação de nosso Estado já suportou.

Não conseguimos compreender os motivos pelos quais os poderes públicos de Santa Catarina deixaram de auxiliar aquela organização, quando similares em outras unidades da Federação recebem justo estímulo e até subvenções. Com prazer soubemos, que o atual Governador Jorge Lacerda, com pensamento diferente, prestigia a Transportes Aéreos Catarinense, numa prova insofismável de que a mesma merece amparo governamental. Mesmo porque, a Catarinense tem contribuído de forma valiosa para o maior desenvolvimento de Santa Catarina no Brasil, servindo, além disso, ao interior de nosso Estado.

Seja finalmente estas linhas, uma pávida homenagem que, espontaneamente, desejamos prestar a uma organização que honra o Estado Barriga-Verde.

—0—

O saído de um sueste irritante, melancolizando, acinzentado, a manhã de agosto, — deste agosto hostil e friorento, cujo remate é a alucinação meteorológica do temporal de Santa Rosa de Lima, me conduziu a esse agradável abrigo, que é a sala de direção da TAC. Luiz Fluzza Lima, com o contagiante idealismo dos homens moços que sabem o que querem e para onde se dirigem, iria me expôr o planejamento e a não surpreendente receptividade alcançada, pelo seu empreendimento "Dunas Hotel", às margens da Lagoa, na bellissima região norte da ilha.

Cético, um pouco desencantado mesmo, mal humorado pela persistência da chuva, peneirada do alto para a perdição dos nossos nervos, começamos a ouvir a expiação.

Fluzza Lima, em um grande centro, sorria, pelas imposições da personalidade, um vitorioso "promotor", no construtivo sentido com que os anglosaxões entendem o vocábulo.

Em Santa Catarina, porém, é um inovador, — aplaudido por uns, negado por outros, mas querido de todos que se projeta sobre o próprio meio dia a dia, em uma batalha frontal sem fadiga às naturais resistências do ambiente.

Com esse espírito, com essa rija formação de lutador, encontrando a seu lado o equilíbrio, a inteligência, a visão e a respeitabilidade do meu fraternal amigo, o ilustre professor Ferreira Lima, soube conquistar para a TAC posição de invejável prestígio no sul do Brasil, no campo da aviação comercial.

E, constituindo-se exceção única no país, essa empresa prospera a olhos vistos, sem quaisquer auxílios ou subvenções dos poderes públicos.

A iniciativa rigorosamente privada em Santa Catarina mostrou corajosamente, aos demais Estados, que uma linha aérea pode servir ao seu território e à sua economia, sem a cooperação do Estado.

Não existe unidade federativa alguma no país que, tendo uma companhia de transportes aéreos, não a auxilie, financeiramente, auscultando o conhecido preceito constitucional que determina aos poderes estatais o incentivo às respectivas economias.



TÉCNICO EM TURISMO VISITA A CAPITAL

O flagrante acima foi fixado no gabinete do dr. Ozmar Cunha, prefeito da capital, quando o chefe do Executivo florianopolitano recebia a visita do sr. Paul Coopman, chefe do serviço de propaganda e turismo da Embaixada da França no Brasil, que veio à Capital catarinense a convite do sr. Luiz Fiuza Lima, diretor-superintendente da Transportes Aéreos Catarinense S. A., que acompanhou o ilustre visitante na visita acima.

Santa Catarina, porém é uma exceção. Mas, deixemos a TAC voar pelos céus do Brasil.

Voltemos ao Dunas Hotel.

Luiz, com sua manelra convincente, deixou se espelhar livremente no olhar azul, herança dos celtas, nas suas invasões pelo norte de Portugal, aquele entusiasmo que lhe inundava a alma.

Claríssima, a exposição do planejamento, com profusão de plantas, previsões técnico-econômicas, amplo documentário fotográfico dos mais variados ângulos.

Esqueci, naquela sala, a hibernal agressividade da manhã.

E, Luiz, onde estão os grupos financeiros?

Soube então, que "Dunas Hotel" é um empreendimento de luxo, defendido pela pequena economia.

Orientação certa, certíssima, e moderna. São pequenos funcionários, industriais, intelectuais, operários, jornalistas, políticos, que, em nossa terra, aliados ao dinâmico desse jovem business-man, irão mostrar ao Brasil as extraordinárias possibilidades de se fazer de nossa capital atrativo centro de turismo.

Manuseei a documentação fotográfica: — era o Governador Lacerda, com sua irradiante simpatia, a subscrever ações do "Dunas Hotel", depois, o Presidente do Tribunal de Justiça o Presidente do Legislativo, o Prefeito da capital, oficiais da Força Militar, autoridades navais e operários, gente do povo, irmanadas todas as classes em espontâneo movimento de profunda expressão coletiva.

Em Florianópolis, informa-me o incorporador, já contamos com um milhão de ações distribuídas entre todos e, na con-

formidade de cautelosas e prudentes previsões, em setembro, possivelmente, iniciaremos as obras.

A valorização da ilha se acha a vista com o "Dunas Hotel", quasi com a mesma intensidade econômica com que agiu, há trinta anos, a Ponte Hercílio Luz.

A iniciativa em aprêço, merecedora de todos os aplausos, imprimirá novo aspecto aos sítios da região.

O "Dunas Hotel", pela produção que exige para consumo, concorrerá, poderosamente, para a melhoria do padrão de vida das nossas populações ilhéas melhorando, pela modernização de processos técnicos, os métodos absolutos de nossa agricultura.

É, sem dúvida, uma realização complexa, reclamando imenda capacidade de luta, mas já pode se dizer vitoriosa.

Mais de uma hora conversei com Luiz Fluzza Lima sobre o capítulo que ele abriu, na vida e nos métodos da cidade.

E, despedindo-me desse homem, capaz de fazer beicinho ao Apóstolo, na multiplicação de pães e peixes, fique com vontade de gritar bem na cara da cidade modorrenta e triste, a pulmões plenos: — "Florianópolis, acorda. Esquece a chuva que cai. Vem para a rua, porque, desta vez, eu acredito que tua hora tenha chegado".

—0—

.....

**CLINICA DE CRIANÇAS
DO
DR. M. S. CAVALCANTI**

Residência : R. Alves de Brito, 44 — **Consultório :** R. Saldanha Marinho, 16
Fone M. 732 Das 3 ás 5 horas
FLORIANÓPOLIS

.....

**DR. GUERREIRO DA
FONSECA**

OLHOS — OUVIDOS — NARIZ e GARGANTA
Especialista efetivo do Hospital — Tratamento e operações.
— Receita para uso de óculos — Raio X — Radiografia da cabeça.

Consultório: Visconde de Ouro Preto n. 2
(altos da Casa Belo Horizonte)

Residência: Felipe Schmidt n. 101. — Telefone n. 1.560.
Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas) consultório

PROCURE ADQUIRIR E LEIA

V É R T I C E

Revista de Cultura e Arte

Uma das mais bem feitas e melhores revistas de cultura e arte de Portugal.

Uma revista viva, atuante, que procura estar ao par do movimento cultural de Portugal e do mundo.

Colaboram em "Vértice" os principais nomes das letras e das artes em Portugal.

Noticiário constante a respeito do movimento cultural e artístico do Brasil.

Colaboração de jovens escritores brasileiros.

VÉRTICE — revista de cultura e arte — Diretor e proprietário: Raul Gomes, Editor: Mário Braga. Delegado no Brasil: Henrique Pereira Santo — R. São Clemente, 250 — Casa 10 — Botafogo — Rio de Janeiro.

Também qualquer informação a respeito pode ser solicitada à nossa redação: "SUL" — Caixa Postal, 384 — Florianópolis. — S. C. — Brasil.

ARMANDO SYLVIO CARREIRÃO

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

E

(ADVOGADOS)

CONTABILIDADE

NILTON JOSÉ CHEREM

E

END.: R. JERÔNIMO COELHO, 4

1º ANDAR — FLORIANÓPOLIS

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MELAS

CUÉCAS

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia

Rua Felipe Schmidt, 3 — Florianópolis

CASA YOLANDA

Matriz

Filial

Trajano, 2

Felipe Schmidt, 2

PIRELI S. A.

LAPIS JOHANN FABER LTDA.

REPRESENTAÇÕES ERNESTO MEYER

Caixa Postal 84 — Tel. 3773

Florianópolis — Sta. Catarina

Florianópolis — Santa Catarina



EM FLORIANÓPOLIS

LUX HOTEL

UM DOS BONS

HOTÉIS DO BRASIL.

Peça a impressão de

quem já o conhece.

RUA FELIPE SCHMIDT, 9.

Teleg. : "LUXOTEL".

Dra.

J. B. Bonnassis

e

Fúlvio Luiz Vieira

Advogados

R. Deodoro, 9 — Florianópolis

Antônio de F. Moura

Gercy Cardoso

Heitor F. do Livramento

Steiner

Advogados

Rua Felip Schmidt, 42-A —

1 andar — Florianópolis

COCIMA

Construções, Comércio e Indústria de Madeiras

Construções, projetos loteamentos, etc.

Madeiras brutas e beneficiadas

Fábricas de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge — Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

CURSO BOSCO

(Registrado no Departamento de Educação)

Com equipe de professores especializados.

Artigo 91

Aulas Noturnas

Informações e Matrícula na

LIVRARIA LIDER (ex-Livraria Rosa) à R. Tte. Silveira, 35

(Edifício Pathermon)

LIVRARIA ANITA GARIBALDI LTDA.

(Livros, jornais, revistas)

A melhor seleção de obras;
aceita qualquer encomenda de
livros nacionais ou estrangeiros;
atende pelo reembolso postal.

Sempre as últimas novidades em livros e publicações nacionais e estrangeiras.

Caixa Postal, 358.

Agora em seu novo ponto e com suas novas e modernas instalações, à Praça 15 de Novembro, 27

.....
Armarinhos, Bijouterias, Vidros, Conservas, etc.

LIBERATO LAUS & FILHOS

— ATACADISTAS —

Rua Cons. Mafra, 46

Ed. Telegr.: Liber Laus

**LIVRARIA MODERNA
DE
PEDRO XAVIER & CIA.**

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de
escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt — Florianópolis

.....

**COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"**

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —
quadradinhos — resserrados aparelhados — fôrro
paulista — Aplainados.

.....

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente
Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 76

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

.....

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"
Monteiro Lobato

**LIVRARIA LIDER
(Antiga "ROSA")**

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da sociedade catariense.

LIVRARIA MONTEIRO LOBATO

Agencia de libros y revistas tecnicos y científicos

Andes, 1415 — Teléf. 82255

MONTEVIDEO — R. O .del Uruguay

Representante de La prensa medica Argentina

Mosby C^o.
Journal of laboratory
Oral Surgery
Editorial Arbo
Revista veterinaria
Revista "Diesel"
Etc.

Especializada em livros brasileiros

"DISCAL"

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE LIVROS

Rua Fernando Machdo, 6 — FLORIANÓPOLIS — S. C.

Depositários das seguintes Editôras:

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

LIVRARIA PONGETTI EDITORA

EDIÇÕES LEP, S. A.

LIVRO DO MÊS, S. A.

ATENA EDITORA

Fornecimentos exclusivamente à Livrarias

e Estabelecimentos de Ensino.

Você precisa verificar os preços da firma

DORIVAL DA SILVA LINO

Fogões a querosene, Pias, Azulejos, Banheiros,

Torneiras, Caixas de Descarga “Montana”,

Reservatórios d’água “Eternit”, Tintas, Colas

“Monta-col”, etc.

QUAISQUER MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

FÁBRICA DE LADRILHOS

Produzindo em vários formatos, com cores variadas,

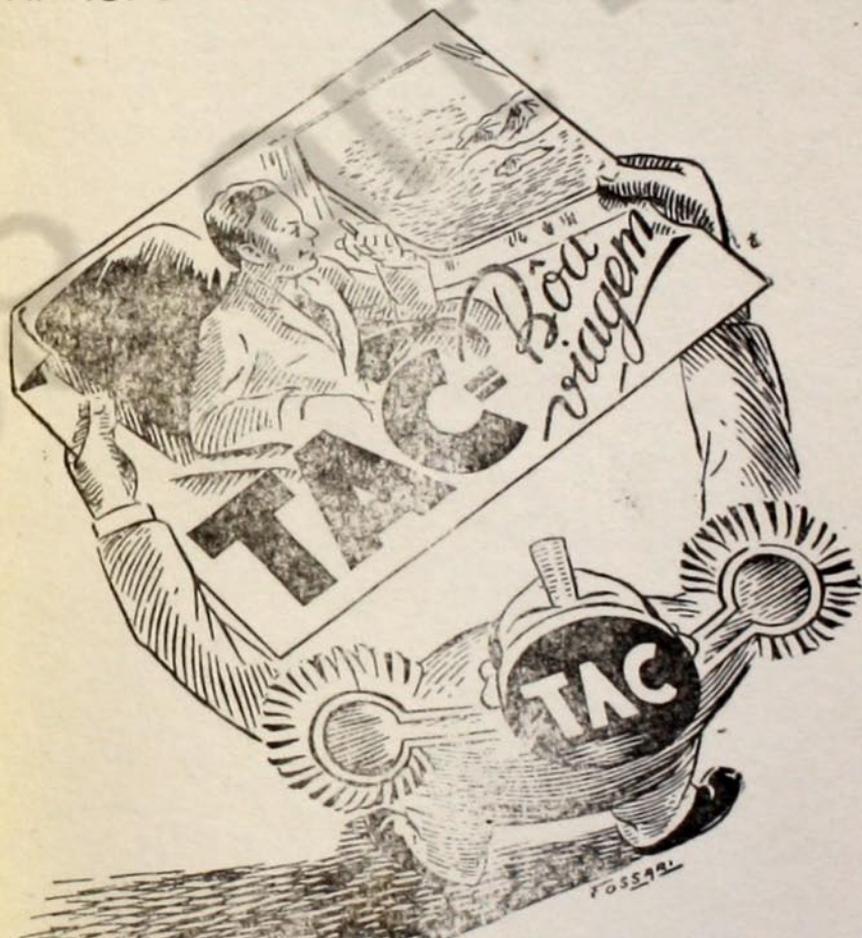
por preços de fábrica

DORIVAL DA SILVA LINO

Rua Trajano, n. 39 — Fone 2795

Florianópolis — Santa Catarina

TRANSPORTES AÉREOS CATARINENSE S/A



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL
AV. RIO BRANCO, 128—LOJA—TEL. 420060

SUL

SUMÁRIO

"Sul" opina	Redação
Quatro vates e um defunto	Oswaldo R. Cabral
Terra Fraca	Eglê Malheiros
Panorama do Cinema Japonês	Glaucio Rodrigues Corrêa
Azul	Eglê Malheiros
Pastoral	Elizabeth Gallotti
Cidade morta	C. J. Appel Felix de Cunha
Poema	Thereza Austregésilo
Poema à Dilza	Sebastião de França
Saudação a Manoelito de Ornellas	Paulo Bonfim
Poema de Aikichi Kuboyama	Antônio Rebordão Navarro
Dois poemas de "A paz de toda gente"	Manoel Filipe de Moura Coutinho
Solidariedade	Mário Antônio
Seis poetas argentinos contemporâneos	Edgar Bayley, Francisco José Madariaga, Raul Gustavo Aguirre, Osmar Luiz Bondoni, Francisco Urondo e Rodolfo Alonso.
O carro novo	Marcos Farias
La raya	Lopes Salinas
Santa Rosa	Redação
3ª Conferência Nacional de Jornalistas	Doralécio Soares
Conversando com Israel Pedrosa ..	E. M. — S. M.
Entrevista com Mário Brasini	S. M.
Notas e comentários:	
Notícias de Lourenço Marques ..	Correspondente
Notícias sobre a vida cultural em Tchecoslováquia	Dr. Zdenek Hampejs
Atualidade Portuguesa	Luiz Eugênio Ferreira
Vendedor de Pinhões	Redação
Maria da Terra e outros poemas ..	Redação
Livros Horizonte	Redação
Em Santa Catarina	Divulgação
Honrando Santa Catarina	Mário Carmelo Faraco
Florianópolis quer fazer e fará turismo	Renato Barbosa

Preço: Cr\$ 10,00

Em Portugal: Cr\$ 7,00

Este número foi composto e impresso nas oficinas da Imprensa

Oficial do Estado.

Florianópolis — Santa Catarina

SUL

SUMÁRIO

"Sul" opina	Redação
Quatro vates e um defunto	Oswaldo R. Cabral
Terra Fraca	Eglê Malheiros
Panorama do Cinema Japonês	Glauco Rodrigues Corrêa
Azul	Eglê Malheiros
Pastoral	Elizabeth Gallotti
Cidade morta	C. J. Appel Felix de Cunha
Poema	Thereza Austregésilo
Poema à Dilza	Sebastião de França
Saudação a Manoelito de Ornellas	Paulo Bonfim
Poema de Aikichi Kuboyama	Antônio Rebordão Navarro
Dois poemas de "A paz de toda gente"	Manoel Filipe de Moura Coutinho
Solidariedade	Mário Antônio
Seis poetas argentinos contemporâneos	Edgar Bayley, Francisco José Madridaga, Raul Gustavo Aguirre, Osmar Luiz Bondoni, Francisco Urondo e Rodolfo Alonso.
O carro novo	Marcos Farias
La raya	Lopes Salinas
Santa Rosa	Redação
3ª Conferência Nacional de Jornalistas	Doralécio Soares
Conversando com Israel Pedrosa ..	E. M. — S. M.
Entrevista com Mário Brasini ...	S. M.
Notas e comentários:	
Notícias de Lourenço Marques ..	Correspondente
Notícias sobre a vida cultural em Tchecoslováquia	Dr. Zdeneck Hampejs
Atualidade Portuguesa	Luiz Eugênio Ferreira
Vendedor de Pinhões	Redação
Maria da Terra e outros poemas ..	Redação
Livros Horizonte	Redação
Em Santa Catarina	Divulgação
Honrando Santa Catarina	Mário Carmelo Faraco
Florianópolis quer fazer e fará turismo	Renato Barbosa

Preço: Cr\$ 10,00

Em Portugal: Cr\$ 7,00

Este número foi composto e impresso nas oficinas da Imprensa

Oficial do Estado.

Florianópolis — Santa Catarina